

148

cadernos de teatro

O TEATRO BRASILEIRO HOJE II: Aderbal Freire-Filho, Domingos Oliveira, Eduardo Tolentino, José Celso Martinez Correa, Moacyr Góes, Sábato Magaldi e Ulysses Cruz

**A SEMIOLOGIA DA ILUMINAÇÃO – OS CÓDIGOS TEATRAIS:
Hamilton F. Saraiva**

QUEM VEM LÁ?: J. Tardieu

AS ARMAS E O HOMEM: G. Bernard Shaw

CADERNOS DE TEATRO Nº 148

janeiro, fevereiro e março de 1997

Conselho Editorial: Maria Clara Machado, Candida Rocha Diaz Bordenave, João Bethencourt, Jorge Leão Teixeira, Ronald Fucs, Domingos Oliveira, Geraldo Carneiro.

Redação e Pesquisa d'O TABLADO

Diretor-responsável – JOÃO SÉRGIO MARINHO NUNES

Diretor-executivo – MARIA CLARA MACHADO

Diretor-tesoureiro – EDDY REZENDE NUNES

Conselho Executivo – BERNARDO JABLONSKI

GUIDA VIANNA

RICARDO KOVOSKI

DINA MOSCOVICI

Revisor – MÔNICA MAGNANI MONTE

Secretárias – SILVIA FUCS E VANIA V. BORGES

Redação: O TABLADO

Av. Liceu de Paula Machado, 795

Rio de Janeiro – 22.470-040 – Brasil

*Os textos publicados nos CADERNOS DE TEATRO só poderão ser representados mediante autorização da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT)
Av. Almirante Barroso, 97, Rio de Janeiro*



DEBATE

TEATRO BRASILEIRO HOJE

II

Publicamos a seguir a continuação do debate promovido pelo Jornal *O Globo* em junho de 1996, cuja primeira parte apresentamos no número anterior (146). O evento contou com a presença de: Aderbal Freire-Filho, Domingos Oliveira, Eduardo Tolentino, José Celso Martinez Correa, Moacyr Góes, Sábato Magaldi e Ulysses Cruz.

Sábato Magaldi

Vamos agora para as perguntas que aqui chegaram. São tantas, que eu vou pegar um pouco ao acaso... (lê):

“Qual a preocupação dos diretores presentes em fazer dos seus teatros um reflexo da sociedade atual, um espaço para a discussão de temas atuais, mesmo que em peças clássicas?” Acho que podíamos começar por você, Tolentino.

Eduardo Tolentino

Acho que qualquer teatro que não fale de coisas que nos estimule ou nos angustie, da maneira que for, não teria sentido. Você pode encontrar as suas questões numa peça do Plínio Marcos ou numa peça grega.

Aderbal Freire-Filho

A pergunta foi muito bem formulada, no sentido de falar que mesmo num texto clássico o teatro sempre se reescreve. O teatro é sempre de uma dupla autoria, a do autor, que está situado num determinado tempo, e a dos artistas todos que realizam aquele texto, num dado momento. Então essa dupla

autoria permite que o teatro seja sempre atual. Duvido muito que algum diretor queira fazer uma peça puramente com uma intenção museológica, para mostrar “como é que era”. Pode até existir, mas é muito difícil. Agora, aparte isso, particularmente estou muito empenhado nos temas atuais; há pouco tempo eu fiz Brecht, Nelson Rodrigues... Sinto que essa é uma bandeira do Domingos, por exemplo, que eu empunho com prazer, com entusiasmo. Uma das formas de nos comunicarmos com o público é falando sobre o que está acontecendo hoje. O cinema faz isso muito bem! Eu discordo do que o Eduardo disse do público do cinema, o cinema que tinha um espectador só era um dos muitos cinemas onde aquele filme estava sendo exibido. E o teatro dele, digamos que tinha 50 pessoas, é muito pouco comparado com os muitos mil cinemas do mundo que estavam exibindo aquele filme. Se eu contar a casa de cada um, porque a gente diz que hoje os cinemas caíram (caíram mas aumentaram muito), mas cada casa é um cinema, hoje. Todos nós levamos vídeos e vemos na nossa casa. Então, se as casas são cinemas, cresceu muito! O fato de ter pouco público no cinema não significa nada, porque cada casa hoje é um cinema. Então o cinema se comunica porque fala de hoje. Aliás me interessa a relação do teatro com o cinema, penso que tem dois caminhos simultâneos que devem ser trilhados. Um, o caminho de afastamento, que é o caminho da linguagem. O cinema tem uma linguagem e o teatro tem a sua própria linguagem; e o teatro, nesse momento, está se reinventando. Vivendo um momento muito delicado, o teatro está se reinventando e o teatro reinventado significa isso, a busca dessa linguagem própria e que é diferente da linguagem do cinema. O cinema se apropriou da linguagem do teatro de um certo momento e desenvolveu isso bem. Então, um dos caminhos a trilhar é o caminho da sua própria linguagem, que é um caminho de *oposição* ao cinema. Mas outro caminho devia ser o de ver cinema, porque

o cinema tem algumas articulações com a sociedade que o teatro devia buscar. Por exemplo, o teatro, quanto à sua relação com os dramaturgos... Sinto que os dramaturgos se queixam que as suas peças são pouco montadas e vejo os dramaturgos que dizem: “não montam as minhas peças!” e vejo produtores que dizem “não tem peça brasileira”. Essa desconforto tem uma explicação; é porque, de fato, eles estão precisando conversar antes, como o cinema faz. O cinema contrata o Alcione Araújo para escrever o roteiro. O Cacá Diegues, ou o Paulo Thiago contratam o Alcione para escrever o roteiro. “Quero um roteiro agora sobre tal assunto”. E discutem com o Alcione, acompanham e tal. Isso corresponderia a que a Fernanda Montenegro procurasse o Doc e dissesse “Eu quero uma peça sobre isso”, e a relação entre autor e produtor teria de ser como já é no cinema. O teatro tinha que adotar essa relação de roteirista. No teatro o autor diz: “ah, agora eu quero escrever uma peça em casa e esperar que vá interessar o produtor”. É muito difícil! É a mesma coisa que um produtor ficar lendo até achar que vai bater essa síndrome do impacto: bateu! – essa que bateu! Não. Então, tem que ter – o cinema ensina isto – essas articulações, porque o cinema convive bem na sociedade pós-industrial. Então o cinema ensina muito essas relações, por exemplo, internas. E externas. E uma delas é a sua temática. Você ouviu hoje a questão das igrejas, do povo indo às igrejas – o que também é uma relação viva! O povo indo às igrejas e o teatro não fala disso. O cinema fala! No dia seguinte tem um filme sobre isso. Acho que isso é importante. Me interessa muito, estou muito empenhado nessa dramaturgia, uma dramaturgia que fale de hoje, desse momento, que diga o que está acontecendo! Que a gente escreva para agora, escreva para montar, não escreva pensando no futuro, mas para fazer agora, nesse momento.

Domingos Oliveira

A coisa da peça contemporânea, que eu andei defendendo tanto, não exclui a possibilidade de se trabalhar com os

clássicos. Mas isso já está sendo feito. A outra coisa é que não está sendo feita. Ou melhor, é feita muito raramente, que é falar sobre a perplexidade da contemporaneidade. A contemporaneidade nos deixa perplexos. Ela está criando problemas que não tem modelos anteriores de resolução, e que evidentemente é também um campo importante para o teatro. Eu queria as duas coisas.

Moacyr Góes

Acho que essa questão levantada entre clássicos e textos que falem no dia de hoje é, como tantas outras, uma falsa questão, e uma falsa polêmica. Particularmente, para não me alongar muito, nas últimas três coisas que me vi envolvido, duas foram montagens de textos escritos para cena pela Clara Góes: **Abelardo e Heloísa**, e **Gregório**. Principalmente **Gregório**, que é um texto que eu pedi para a Clara escrever, porque eu estava com vontade de falar coisas mais diretas, mas imediatas a respeito do Brasil e da sua memória, ou da impossibilidade de manutenção dessa memória. E também me sinto absolutamente à vontade e apaixonado pelo **Doente Imaginário**, que é uma obra extraordinária, de um gênio do Século XVII na França. Acho que aquilo ali tem coisas de uma atualidade apavorante. Então acho que isso não é necessariamente uma questão, não. Depende muito. O teatro é muito pulverizado, ele é muito caso a caso, ele é muito movimento, movimento que às vezes se personifica numa pessoa ou num grupo, ou num determinado tempo. Mas isso aí dificilmente se constitui como unidade, como algo normativo.

Domingos Oliveira

Ninguém escreve o que quer, a gente escreve o que pode. É claro que seria ótimo e super oportuno escrever uma peça sobre o neo-liberalismo, hoje, no Brasil. É evidente que todo mundo ia querer ver essa peça, se fosse uma boa peça. Eu não escrevo porque não posso, ainda.

Mas acho que o teatro começa onde não pode. Onde não é mais possível, porque o teatro é uma forma de poder. O teatro é uma arte totalmente política. Fiquei muito contente de ver essa casa cheia e de me encontrar com colegas e ter o Sábado aqui, porque realmente pertencemos a um período em que nós do teatro nos encontrávamos, nós, os atores, os diretores, os críticos, das várias gerações, da diversidade, numa luta comum para fazer acontecer o melhor teatro possível para aquele momento. Hoje essa luta comum não existe. Praticamente estamos intocáveis em nossas ilhas, e nos comunicamos através da mídia, ou através de reuniões como essa. É muito raro esse acontecimento. Os críticos, como Sábado, como Décio, como Yan, tinham essa cumplicidade com o teatro, no sentido do crescimento do teatro. Eu fiquei muito contente, mas ao mesmo tempo me pega o demônio, me bate o demônio agora. E meu demônio quer fazer algumas perguntas, porque eu acho o seguinte: esse problema político vem de uma velha doença, de alguma coisa que aconteceu num determinado momento da história do Brasil, mais especificamente no AI5, quando o teatro realmente tinha uma cidadania plena, o teatro existia com todo o seu poder de fogo, quando o teatro realmente centrava toda uma agitação social, política, estética e de transformação de vida. E o teatro foi violentamente punido exatamente por esse papel que ele representava; o teatro foi lobotomizado. Então hoje você tem os artistas de teatro, os atores de teatro, especialmente os consagrados, que estão super bem pagos na televisão, vivem uma vida ótima, de classe média alta, fazem uma novela, vão para o Oriente, e fazem uma pecinha. Então, o que aconteceu? O teatro foi comprado pela televisão. Então, dificilmente um ator consagrado, que tem uma marca, que tem uma mídia, dificilmente esse ator vai fazer um trabalho que toque nos

pontos que devem ser tocados, que toque ao vivo nos tabus sociais. Ele vai escolher, inclusive, uma coisa que não toque a ele, pessoa. E o teatro é um ritual de estraçalhamento, de morte iniciática. E, em qualquer peça de teatro, só acontece um grande personagem se o ator vive uma morte iniciática, se a pessoa dele vive uma morte iniciática para renascer no personagem que constrói. Esse é o trabalho do teatro. Por isso que eu discordo do Ulysses. Acho que o primeiro lugar em que o ator de teatro, o diretor tem que tocar, é em si mesmo. Se tocou em si mesmo, ele está tocando no mundo, ele tocou em todo o mundo.

Eu tenho uma admiração profunda pelo trabalho do Ulysses Cruz em **O Boi Voador**. Ele fez um dos trabalhos mais lindos que já vi na minha vida, que é a peça do Guimarães Rosa. Hoje o Ulysses é o diretor mais bem pago do Brasil. E os atores trabalham bastante com ele, os atores de televisão. E mesmo no SESI, parece que você fez um trabalho muito lindo, que infelizmente eu perdi, que é **Péricles**.

Evidentemente o SESI jamais bancaria um trabalho como **As Bacantes**. O SESI banca um trabalho como **Péricles**. Os atores que trabalham na linha de produção do Ulysses, mesmo o Antonio Fagundes, jamais investiriam em alguma coisa que pudesse estraçalhar a imagem pública que eles tem na mídia. Acho o Antonio Fagundes, na companhia dele, um excelente ator, mas um excelente ator enrustido, no armário, porque mesmo na companhia dele, ele é o empregado da companhia. Ele não é a estrela da companhia, ele não brilha na companhia. Não conheço a subjetividade desses atores todos, desses grandes atores que estão em cena, mas que não transmitem subjetividade; eles não colocam a vida deles. Quer dizer, a doença de não colocar a vida no teatro, a vida na arte. Stanislavski e sua "A minha vida na arte" é uma doença que afetou todo o poder do teatro brasileiro. Agora, nesse momento, o teatro é uma das coisas realmente mais

chatas que existem, as pessoas não gostam de teatro, o público de teatro é uma classe média entediada que vai, é claro, e se for a preço popular... olha, é pior para o público! Porque não há um investimento exatamente na criação pessoal e nem na criação coletiva, na criação de equipe; não há o investimento em uma coisa viva. Então é óbvio que o teatro não interessa, é óbvio que o teatro é uma coisa chata. Você vai sair de casa para ver aquele ator que você vê na televisão repetindo a marca que ele tem na televisão, com o mesmo distanciamento. Não acontece nada, não se estabelece relação criativa nenhuma!

O teatro está em um *apartheid*. Esse *apartheid*, você tem essa diversidade no *apartheid*, mas esse *apartheid* não investe, não permite vida.

Sábado Magaldi

Há uma pergunta sobre a relação dos diretores com a dramaturgia brasileira em particular. Vou passar esta pergunta para o Tolentino, que é o diretor que tem trabalhado mais com essa preocupação de representar um panorama do teatro brasileiro.

Eduardo Tolentino

Bem, eu concordo em gênero, número e grau com o Domingos. Existe uma ausência, sim, no teatro que se faz, de nos vermos refletidos, hoje. Tanto que foi assim que eu fui buscar uma peça do Plínio Marcos que era inédita, e do Antonio Bivar, também.

No teatro você retrata a realidade através de uma metáfora, não importa como você esteja falando. Mas há um buraco nessa dramaturgia de hoje. Ela precisa ser feita. Outro dia eu estava em casa e recebi um texto do Hélio Sussekind, um autor jovem que escreveu uma peça neo-rodriguiana, genial, e completamente desconhecida. E assim como milhões de outras coisas que aparecem e que precisam ser descobertas, precisam ser feitas. Mas, por outro lado, a ver-

dade é que, hoje, 90% do que eu recebo de textos não me tocam, não me dizem nada, mas existe uma grande parcela de coisas importantes e que tem que vir à tona.

Domingos Oliveira

Mas não há nenhuma apoio para isso, não tem nenhuma bolsa de dramaturgia, há raríssimos cursos de dramaturgia, não há nenhum apoio, e isso deveria ser uma preocupação básica.

Ulysses Cruz (Respondendo a um aparte da platéia)

Hoje em dia, quem produz espetáculos são os atores. Basicamente tenho trabalhado a minha vida inteira a partir de convites de atores. Estou agora no Rio de Janeiro dirigindo **A Dama do Mar**, a convite de uma atriz, a Christiana Guinle. Agora, com relação a novos textos de novos autores... esses textos a mim não chegam. Não chegam mesmo. E mais do que isso, o trabalho que eu tive de interromper **O Boi Voador**, por várias questões, passava um pouco por isso aí. A nossa idéia era não só trabalhar com textos que descobríamos ali, mas eventualmente com uma outra pessoa a quem a gente pudesse interessar. Mas isso acabou tendo que ser deixado um pouco de lado, porque é muito difícil se levantar recursos hoje em dia. São atores com o seu nome, com o seu prestígio, alguns colocando em risco a sua carreira inteira, como é o caso agora do Paulo Autran, que me convidou para dirigir **O Rei Lear**, que foi um grande risco e uma grande coragem da parte dele. São essas pessoas que conseguem levantar recursos. A encenação de novos textos, a descoberta de novos dramaturgos passa também um pouco pela questão da produção, porque não adianta você produzir um espetáculo que não supra as necessidades básicas que esse texto precisa e tudo o mais. É por aí.

Sábado Magaldi (Respondendo a um aparte da platéia)

Há uma outra hipótese com relação ao problema do acesso a novos textos, e que os autores colocassem esse

problema, por exemplo, para a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais e que uma cópia da peça fosse enviada a todos os possíveis encenadores. Seria uma coisa mais prática. É um problema que todo autor tem. Até conseguir ser montado...

José Celso M. Correa

Não pode se esquecer que Shakespeare era autor, produtor, ator, tudo. E hoje o teatro está exatamente na mesma fase. Se a gente não vai à luta para fazer acontecer o teatro, o teatro não acontece, porque é necessário fazer a roça. O teatro é uma roça. Isso que é necessário retomar agora, no Brasil. É necessário esse trabalho coletivo, de nós todos criarmos um espaço para a existência do teatro. Eu estou ouvindo pela primeira vez muitas coisas que estão sendo ditas aqui, porque nós não nos conhecemos, a gente não se encontra mais, a gente está isolado. O fato é que, na realidade, o teatro profissional brasileiro é amador – porque quem paga o teatro é a televisão –, é o prestígio que o ator tem na mídia que “profissionalizou” o teatro. É necessário reprofissionalizar essa atividade específica da coisa ao vivo.

Sábato Magaldi

Eu gostaria de falar um pouco, por exemplo, sobre o problema da crítica. Eu tenho, da crítica, uma visão extremamente modesta e já escrevi mais de uma vez que eu vejo a história da crítica como uma história de equívocos. A partir daí, qualquer ataque fica meio ridículo, porque isso é um reconhecimento de uma fragilidade enorme da nossa profissão. O crítico é, de certa maneira, alguém que pensa sobre a realidade teatral daquele momento; ele tem que ter uma formação boa para poder dialogar e examinar uma série de outras questões e, por outro lado, ele tem que fazer uma certa prospecção, porque as necessidades do teatro, em certo momento, é que indicam aquilo que ele poderá ser daí por diante. Então há uma necessidade do crítico ter essa capacidade de

ver o que é uma força viva do teatro, para onde ele vai (...) Então se eu, na minha crítica, fazia uma reflexão que podia ser razoável – ou não – no fundo, acredito que era, e sempre fui, profundamente solidário com o movimento teatral que estava em processo. Agora, por outro lado, todos nós temos as nossas limitações. Nós temos capacidade para tratar melhor de uma coisa e, às vezes, uma outra, não entendemos muito; e no momento em que a gente acha que está entendendo, a gente está ficando superado também, coisa que é muito frequente. Então, o importante é a gente sentir o que há nos comentários. Por exemplo, foram citados dois colegas meus que eu prezo muito, a Bárbara Heliodora e o Macksen Luiz – vou dizer isso, já que os nomes foram citados...

(A fala de S. Magaldi é interrompida por um aparte da platéia)

Sábato Magaldi

Há realmente uma preocupação de fazer da crítica também uma arte. Os críticos que eu conheço, eles, em geral, se esforçam para fazer do seu comentário uma obra de arte. Podem consegui-lo ou não. Mas que há esse desiderato em cada comentarista, eu acho que não há dúvida nenhuma (...)

Aqui no Rio de Janeiro, quando eu comecei no *Diário Carioca*, havia críticos que eram extremamente reservados, não conheciam ninguém da classe teatral e, no entanto, eram muito respeitados, como o Renato Vieira de Mello. Era um crítico muito respeitado, muito sério, só que ele, pela timidez, não se aproximava de ninguém – uma questão de temperamento.

Acho que por hora já falamos demais na crítica e valeria a pena pegarmos um outro problema, que preocupa muita gente. Eu vou juntar um pouco várias perguntas, porque muitas voltam ao mesmo assunto, sobre subsídios; como é que cada um dos diretores presentes lida com esses subsídios. O José Celso não teve nenhum para a montagem de *As Bacantes*, foi uma montagem feita com o sacrifício do pró-

prio elenco. Mas havia momentos em que os próprios órgãos do governo distribuíam verbas por intermédio de comissões que examinavam as propostas. Hoje há comissões, mas normalmente essas comissões examinam o problema para dar um selo de garantia em função das leis de incentivo fiscal. Então, juntando tudo, eu gostaria de perguntar como é que alguns dos diretores aqui têm lidado com isso, se tem recebido ou não esses benefícios fiscais da lei Rouanet e da lei Mendonça lá em São Paulo, por exemplo. Isso sintetiza um pouco as várias perguntas sobre o assunto.

Ulysses Cruz

Acho que o teatro está entrando numa armadilha, numa idéia muito complicada, que é essa idéia do patrocínio. Os patrocinadores exigem cada vez mais. Eles te dão um dinheiro, realmente em alguns casos bastante expressivo, só que, normalmente, 60% desse dinheiro está comprometido com a mídia. Ou seja, eles te dão esse dinheiro e dizem: você tem que gastar 60% desse dinheiro com mídia, ou seja, para reverter, em prol deles mesmos. Então, na maior parte das vezes, se vocês olharem hoje os cartazes de teatro, vocês verão uma infinidade de apoio e de patrocínios. Porque, na maior parte das vezes, estamos trocando nosso trabalho por um prato de comida. A coisa está ficando mais terrível e mais melancólica, porque não estamos sabendo nos defender de um conflito avassalador, que é inevitável daqui para a frente, porque, se não, você não tem um tostão. E os atores querem trabalhar. Então, cada vez mais, vocês olham cifras – nós também – astronômicas de custos de um espetáculo. Mas podem observar que uma grande parte é consumida pelo próprio patrocinador. Então é um buraco sem fundo, e é uma dificuldade cada vez maior. E parte da culpa é nossa, do lado de cá.

Aderbal Freire-Filho

Queria falar aqui também do outro tipo de subvenção, que é a subvenção oficial. O Ulysses falou, e muito bem, da subven-

ção particular, das empresas que subvencionam e acrescentou esse dado, do comprometimento de boa parte dela. Nesse momento eu estou, como o Domingos e o Moacyr, sendo subvencionado pela Secretaria de Cultura do Rio. Isso vale para os meus dois últimos espetáculos, os espetáculos desse ano do Domingos e os espetáculos mais recentes do Moacyr. A primeira observação a fazer é que é absolutamente louvável que uma administração, no caso a administração municipal do Rio, através, evidentemente, do Prefeito, da Secretária de Cultura e da Presidente da Rio Arte, decida investir forte, em cultura e, especialmente, em teatro. Esse investimento resultou na abertura de teatros que estavam fechados, resultou na montagem de peças e no patrocínio de alguns diretores. Evidentemente isso desgosta a muita gente. Por outro lado – é esse o segundo ponto da questão – como se dá esse processo de seleção? Há um processo de seleção que se pode dizer que é arbitrário, mas que se pode dizer também que é de excelência, histórico. Isto é, foram escolhidos diretores de trajetória vista e reconhecida. Não foi nenhum parente de ninguém. Eu não sou Maia nem Severo. Sem nenhum parentesco, sem nenhuma amizade. É a trajetória, é a história, ou seja, é o trabalho, é a qualidade, que fez com que alguns diretores, e não outros, tenham sido escolhidos. E se a política continuar, o que torcemos para que continue, espero que outros sejam os diretores que recebam esses patrocínios.

E para democratizar um pouco mais, criou-se um projeto de subvenção a cinco produções selecionadas. Nesse momento, por exemplo, a peça do Eduardo Wotzik (Sonata Kreutzer), com o Luis Melo, é uma dessas cinco peças subvencionadas pela Prefeitura. Ou seja, as pessoas se inscreveram no sistema de licitação, e constituiu-se uma comissão. Fora isso há um projeto de bolsas, que são bolsas para dramaturgos. Disseram aqui que não tinha, mas existe uma bolsa, sim: bolsas da RioArte que, de novo, estão abertas. Eu sei disso porque

estamos no período em que se começa a pedir cartas de recomendação... enfim, com toda a discussão que possa haver sobre critérios – quaisquer que sejam, os critérios são sempre discutíveis – é que nesse momento em que termina uma administração, que a gente insista que as pessoas de cultura, e, no nosso caso, especialmente de teatro, insistam, junto a todos os outros candidatos, para que um projeto como esse, um programa como este, continue.

Domingos Oliveira

Esse movimento da Prefeitura tem que continuar, junto a outros tipos de movimentos iguais. Você tem que patrocinar o artista, e não a peça, não o evento. O teatro é uma abstração. Existem os artistas. Isso é que existe. Se alguém tem uma obra promissora, se ele tem um passado, se ele tem um presente, ótimo, se está começando, você protege ele, como se faz um pouco com jogador de futebol.

Sábato Magaldi

Gostaria de, concordando com o Domingos, dizer, por exemplo, que esse critério é muito adotado na França, que tem uma tradição cultural centenária; e lá se escolhem encenadores e se dão teatros oficiais a esses encenadores, que podem ter qualquer procedência. O G. Strehler já foi diretor do Teatro da Europa. O governo francês criou um teatro, o Teatro da Colina, para um diretor argentino, que é o Jorge Lavelli que, por sinal, já dirigiu aqui no Rio de Janeiro; o Peter Brook tem o seu teatro em Paris, onde ele pode fazer um trabalho experimental, e assim por diante. Então, de fato, uma das garantias para a excelência do trabalho é o currículo dos encenadores. Que eles recebam esse subsídio porque darão o melhor destino a ele. Todos que são apaixonados por teatro e que conseguem fazer bom teatro não vão pegar esse dinheiro e construir um prédio, comprar um apartamento ou automóvel

de luxo. Vão investir no próprio teatro, como tem sido sempre feito aqui no Brasil. E por toda a parte, também.

Agora uma última pergunta, muito cotada, sobre um problema: o reconhecimento quase unânime, inclusive da mesa, que há um teatro feito apenas para a classe média, pelo preço e por tudo o mais. Sintetizando várias perguntas, qual seria uma maneira de mudar essa equação? Seria o simples barateamento do ingresso?

Aparte da platéia – Se o critério passa pela trajetória e pelo notório saber, porque o Antonio Abumjara não ganhou a subvenção da Secretaria Municipal de Cultura?

Sábato Magaldi

Se o Aderbal souber e quiser responder, muito bem, porque eu não saberia respondê-la.

Aderbal Freire-Filho

Olha, o que eu posso dizer é que existiam questões técnicas. O primeiro exame de todos os processos foi técnico. Acompanhei de longe uma discussão que houve, em que os advogados do município cortaram mais da metade das propostas porque não atendiam às questões técnicas. Os burocratas, os advogados, se prendem muito aos princípios, à lei de licitações. É a mesma lei para construção de prédios. É exatamente a mesma lei, que é a lei seis mil e não sei quanto, que diz que você tem que apresentar no prazo tal, tais documentos, isso e aquilo. E soube que a comissão brigava muito porque o laudo burocrático do poder queria excluir muita gente, deixava, dos cem inscritos, trinta e poucos. E pode ser que ele tenha caído já aí, já nos advogados. Outra questão é que, por exemplo, só são cinco! Quem sabe nos próximos outros cinco? Eu, por exemplo, nesse momento, tenho essa subvenção, mas muitas vezes não tive. Eu mais “não tenho do que tenho”, perco mais do que ganho. E com todos nós é assim. E o Abumjara, que é um diretor reconhecido, maravilhoso, do meu coração, certamente perdeu essa, ganhou outras e perderá outras.

Ele não perdeu só essa vez, provavelmente ele entra outra vez e perde também. Não é sempre que se ganha!

Sábato Magaldi

É hora de encerramos o debate, eu vou transmitir essa sugestão da platéia – de os debatedores responderem por escrito as muitas perguntas que sobraram, para posterior publicação –, porque eu acho muito boa. De fato, há muita coisa aqui que mereceria ser discutida, inclusive a pergunta que muita gente fez sobre a forma de popularização. Acho que poderíamos deixá-la para um futuro debate com os próprios produtores teatrais já que eu acredito que o *O Globo*, pelo interesse provocado por essa mesa-redonda, certamente gostará de levar a discussão adiante. Então, agradeço muito a paciência e o entusiasmo dessa grande platéia que veio prestigiar este evento.

José Celso M. Correa

Só mais uma coisa, para terminar. Acho que o teatro vive um momento de guerra, que está ligado à guerra exatamente da potência do ser humano. E o berro do teatro é o Evoé, o Evoé é o ruído, esse ruído que vocês vêem em restaurante, que vocês ouvem em restaurante, essa fala que é todo mundo. O teatro popular, inclusive, é uma questão a ser resolvida mais ou menos como os Cieps, é necessário bancar gente que esteja fora da classe média para que trabalhe em teatro, para que o teatro se popularize. Eu vou, porque eu acho que isto aqui tem que terminar numa festa, cantar:

***Das serras da Ásia Das terras da Ásia Eu chego
com Deus do barulho A dor é doce O fardo é
leve Cantando: Baco ! Evoé Baco !***

(A platéia repete fracamente o refrão)

Muito fraco. Sabem por quê? Porque Evoé é é, tem dois es, e a coisa mais afirmativa que existe, é évoéé ! Evoé !

(A platéia repete com mais força. Palmas. Fim)

A SEMIOLOGIA DA ILUMINAÇÃO: OS CÓDIGOS TEATRAIS¹

HAMILTON F. SARAIVA²

Seria uma ingenuidade imaginar-se que poderia haver somente um código teatral, que resumisse tudo aquilo que se diz ou se mostra no palco. Portanto, dizemos códigos teatrais, assim, no plural, e ainda os consideramos como códigos abertos, em constante mutação.

O códigos teatrais são muito semelhante ao código da língua e estão próximos da dicotomia fala/língua. Para que se possa decifrar uma fala particular, é necessário que se conheça a língua, portanto, o seu código. Seria também ingênuo esperar que a Semiologia revelasse um ou vários códigos teatrais capazes de reduzir a representação teatral a um só esquema que a traduzisse. O código é uma regra que associa arbitrariamente, mas de uma forma fixa, um sistema a outro. Por exemplo, o código das cores associa certas luzes coloridas a certos sentimentos ou simbolismos. Estes dois sistemas estão constituídos pela fase significante do signo, ou seja, a matiz da cor, e pela fase significada, o sentimento. O código, como o signo, é a regra convencional que vincula o significante com o significado.

O teatro ocidental tem códigos particulares da representação, como a quarta parede, a ficção, a cena como local da ação, ou ligados a uma época, a um gênero literário ou

1. Extraído de *A Evolução Estética da Iluminação*, da qual vimos publicando outros trechos em edições anteriores. *Caderno de Teatro* agradece ao autor pela cessão dos trabalhos.

2. Diretor, dramaturgo, arte-educador e professor de iluminação da USP.

lúdico ou a um estilo de atuação. Tem, também, códigos que não lhe são particulares e que existem em outros tipos de comunicação, como o lingüístico, o psicológico, o ideológico e o cultural.

Finalmente, alguns códigos do teatro são mistos, pois utilizam os códigos particulares e os não-particulares. Como exemplo, podemos dizer que é impossível separar no gestual do ator o que lhe é espontâneo e o que é construído pela teatralidade.

Formam, ainda, um conjunto de códigos, muitas convenções teatrais que se encontram nas formas de espetáculos muito ritualizadas (Nô, Kabuki, Magia, Dança Clássica, etc.).

Jacques Rouché, entre 1901 e 1911, procurava evitar na cenografia o atravancamento dos naturalistas e a profusão decorativa dos balés russos, optando por alguns objetos-signos, valorizados pelo despojamento do quadro visual, que possibilitava a “leitura” do público para esse código. Um samovar ou um ícone bastariam para sugerir ao público que estava diante da Rússia dos *Irmãos Karamazov*.

O iluminador inglês Richard Pilbrow, numa entrevista que mantive conosco e mais dois iluminadores principalmente da Broadway, quando apreciávamos a montagem da luz de *Zorba*, no Imperial Theatre, de New York, em 1968, dizia: “A luz baixa e obscura dá uma sensação de miséria, de desastre iminente ou de aparição sobrenatural. É uma luz propícia para uma entrada, por exemplo, do pai de Hamlet, ajudado pela fluorescência do ultravioleta”. Quando lhe falamos de signos, ele assim disse: “A sombra do vilão, distorcida, deslizando por um muro, é um signo forte e impressiona mais do que a figura do próprio vilão. A sombra de um ato de assassinato é muito violenta, mais violenta do que o assassinato sendo visto diretamente.” À noite, quando da récita da peça, vimos a excelência do mestre Pilbrow, representando um realista dia quente e claro da Grécia, uma noite de trovoada e chuva, mas também algumas projeções abstratas numa tela de fundo que

surgia, de repente, do nada e tanto sugeriam as confusas idéias do grego Zorba, como as luzes da cidade distante, dois significados para um significante.

O espetáculo teatral é sempre consumido sem que os consumidores (ou a maioria deles) saibam da complexidade desse produto acabado. Além da linguagem e dos sons, o espetáculo conta com outros meios de apresentação que são visuais (ação dos atores, figurinos, cenários, iluminação) e, por isso, formam um sistema *kinésico* de representação. O espetáculo é um sistema de signos organizados, signos que no teatro tomam uma característica especial, mas que estabelecem o mesmo sistema de relações a que estamos habituados no cotidiano. Quando um pobre nos estende a mão na rua, tal ação pode aparentar várias situações, como provocar algumas reações de emoção. Podemos sentir piedade ou revolta por essa miséria, ou mesmo indiferença por esse acontecimento comum às cidades grandes. Mas, se a mesma cena ocorre no palco, o fato deixa de ser o signo a que estamos acostumados na vida real e funcionará de forma unívoca, por estar delimitado por um contexto. Não será, talvez, o mais correto utilizarmos a expressão *signo*, específica da terminologia lingüística, para aplicá-lo ao teatro, mas até agora não se estabeleceu uma nova terminologia que substitua o *signo*. O teatro utiliza-se de uma variedade muito grande de códigos para a representação, portanto a noção de *signo teatral* é bastante complexa. Poderíamos dizer que há no espetáculo uma sobreposição de signos, ou ainda, que o espetáculo é signo de signos. De fato, podemos observar que um conjunto de signos está contido no espetáculo, num espaço e tempo comuns. Essa forma de comunicação pressupõe um código entre quem se expressa e quem assiste e que foi estabelecendo suas regras (regras dramáticas) através dos tempos, de acordo com as possibilidades cênicas, com os recursos técnicos e a estética literária em uso.

Ainda com respeito à idéia de signo de signos, Pavel Campeanu nos diz:

“O desempenho cênico é uma recriação programada do cotidiano. Para esse fim, ele se vale de pessoas humanas com papéis determinados de comportamentos e relações, de palavras e de objetos, de gestos e expressões mímicas, de vestimentas e de luzes. De todos esses signos resulta um certo aspecto da vida cotidiana que é também signo”.¹

Já citei em trabalhos anteriores o fato de que, com os recursos técnicos dos *spots* de foco, foram estabelecidas as setorizações do teatro expressionista; com as nuances de cores das gelatinas, o suporte para as projeções não-figurativas dos simbolistas; com as máquinas de projetos de nuvens e o ciclorama, a possibilidade de similitude com a natureza dos naturalistas; com as luzes estroboscópicas e *flashes*, a luz “estourada” do teatro da crueldade; todas essas práticas acabam fazendo parte de novos códigos visuais, próprios ao teatro.

Um espectador pode entender um espetáculo sem conhecer todos os códigos (e isso ocorre na maioria das vezes). A falta de domínio de algum código não é imperativo ou impeditivo para uma razoável legibilidade e entendimento essencial do espetáculo. Um espectador que assiste a um espetáculo em língua distinta da sua, de uma companhia estrangeira, pode perder muitas das nuances relativas à própria língua (piada, trocadilhos, expressões idiomáticas, tons característicos da cultura desse povo); todavia, conhecendo os códigos do gestual, da música e dos ruídos, como os

1. Pavel Campeanu. “Um Papel Secundário: O Espectador”. In: André Helbo (org.). *Semiologia da Representação*. São Paulo, Cultrix, 1980, p. 100.

relativos à cenografia, aos figurinos e à luminotecnia, não terá perdido o entendimento do espetáculo, sobretudo se conhecer o texto ou tiver lido uma sinopse da peça. Naturalmente, ao saber que a peça será representada para uma platéia de língua diversa da sua, o encenador reservará uma atenção especial para os códigos não-verbais e, com o reforço dos outros signos, far-se-á inteligível, a peça, ao espectador.

As Convenções Simbólicas, as Cores, Realidade de Cena e Ficção

A teatralidade é propiciada por signos, utilizados pelo encenador e, alguns tão criativos, que acentuam o jogo lúdico, levando o público a desfrutar de um prazer quase secreto, uma sensação de transgressão, de conluio, por ter achado uma nova forma de se comunicar. Cremos ser este o grande atrativo da forma teatral não-ilusionista, na qual o espectador, ciente e consciente de que participa de um jogo, antecipa algumas situações, mas acaba sendo surpreendido pelo inusitado e pela nova criação.

Roland Barthes situa essa teatralidade, que citei acima, com as seguintes palavras:

“O que é teatralidade? É o teatro menos o texto, é um alimentador de signos e de sensações que se constrói no espetáculo a partir do argumento escrito, é essa espécie de percepção ecumênica de artifícios sensuais, gestos, tons, distâncias, luzes, que submergem ao texto na plenitude de sua linguagem exterior”.²

As convenções simbólicas (de “símbolo” e não de “simbolismo”, embora as encontremos também nesse “ismo”) foram usadas para a iluminação, mesmo quando não existia a

2. Roland Barthes. *Elementos de Semiologia*. São Paulo, Cultrix, 1972, p. 79.

luz artificial e o teatro era realizado à luz natural. Já me referi, anteriormente, ao *anjo Rafael* com a face pintada de vermelho, para simbolizar a luminosidade que estaria irradiando do santo rosto, assunto constante das instruções de um livro sobre a conduta do diretor, de 1501, nas montagens do teatro medieval. Da mesma forma, no teatro Elisabetano, utilizava-se o símbolo de panos pretos, ao fundo de cena, para significar que a ação transcorria à noite, isto sem citar o código verbal, usado pelos próprios atores, que era largamente empregado com a mesma finalidade, ou seja, a de indicar que havia um raio de sol, que o luar banhava a cena de amor ou a trama noturna, quando não se referia à escuridão que poderia propiciar uma maroteira de um sabido lacaio ou a troca, pela fogosa esposa, de um marido por um amante mais jovem, isto já nas comédias.

Alguns estudos da Psicologia tentaram estabelecer relações entre as cores da luz e os estados de espírito de quem as divisa. Baseados nessas informações, os fabricantes de “gelatinas” (filtros de cor), colocam indicações em seus catálogos que, à primeira vista, nos levam a encarar essas indexações com alguma reserva, por parecerem sugestões inócuas e cômicas. No catálogo de gelatinas da firma *Rosco*, encontramos estes signos:

- 04 – *Medium Bastard Amber* – aumenta as intenções românticas, cria condições de sonho.
- 97 – *Light Grey* – sensação de frieza e dureza, acentua o espírito calculista.
- 37 – *Pale Rose Pink* – as intenções de sensualidade se exaltam com esta cor.
- 44 – *Middle Rose* – de sensual a erótico.

Várias outras indicações são citadas, algumas apenas no campo físico (profundidade, fluorescência, detalhamento), assim como tenho, com experiência, observado algumas variações propiciadas pela cor na emoção dos espectadores.

Fiz (em 1983, no Grupo Teatral Jambaí, em São Paulo) algumas experiências, não sem muitas reservas e preconceitos, tentando estabelecer um sistema de medição e análise, chegando à constatação de que as indicações existentes no catálogo correspondiam bastante às respostas que eram provocadas pelo estímulo da luz colorida, conforme o que estava escrito nas folhas de observação do índice de gelatinas.

O sistema de medição que me pareceu razoável foi o seguinte:

1) Escolhi quatro cenas diferentes entre si, em que se pudesse testar o resultado da gelatina nº 04, *medium bastard amber*, cuja indicação do catálogo diz ser “romântica”. A primeira cena reproduzia, exatamente, o diálogo de um casal de jovens com todas as características românticas. A segunda cena era um monólogo, no qual a personagem descrevia, com grande frieza, um crime que havia cometido por motivo torpe. A terceira cena era um pequeno ato cômico, no qual dois trapalhões, à espera de uma autoridade, se confundiam e diziam coisas fora de senso. A quarta, finalmente, apenas retratava duas mulheres que se encontravam, se cumprimentava, sorriam e se afastavam;

2) As quatro cenas foram feitas à luz neutra (branca) e dez pessoas que assistiam receberam um questionário para preencher, sem saberem o que se pretendia realmente;

3) A seguir, foram repetidas as mesmas cenas, com a luz colorida pela gelatina “romântica” e, novamente, foram distribuídos os questionários:

4) As cenas foram, outras vez, repetidas com a gelatina cinza nº 97 e o questionário foi outra vez distribuído;

Os atores também não sabiam o que se pretendia com a pesquisa, a fim de se preservar a isenção dos mesmos durante a representação. Tomei, ainda, o cuidado de fazer uma grande quantidade de ensaios para garantir uma razoável uniformidade de interpretação.

O questionário estava organizado com as seguintes perguntas:

a) Faça um breve relato sobre o enredo das cenas assistidas.

b) Enquadre cada uma delas dentro de um dos gêneros a seguir ou, se não houver gênero apropriado, sugira o mais adequado: comédia, drama, farsa e tragédia.

c) Ques espécie de sentimentos estiveram mais evidentes em cada cena?

d) Faça uma breve crítica (uma para cada cena) sobre a interpretação dos artistas.

Repeti toda esta bateria de testes com um novo grupo de dez espectadores e voltei a repeti-la com mais dois grupos. Assim sendo, fiz a experiência quatro vezes.

No primeiro caso, com a luz branca, quase não houve dúvida sobre os sentimentos predominantes veiculados pelo texto e pela encenação; ficavam claros a intenção romântica do casal, a abominável frieza dos assassinos, a hilariante trapalhada dos cômicos e o encontro cordial das duas mulheres.

Com a gelatina “romântica”, as opiniões, em maioria marcante foram: que a cena do casal estava muito “melosa” (o termo apareceu trinta vezes); o assassino parecia ser um bom homem que caiu em desgraça ou um produto da sociedade hostil; os cômicos eram infantis e não eram engraçados e as duas mulheres deveriam ter algum “caso” (o termo foi computado vinte e sete vezes).

A cor cinza provocou outras reações: haveria dificuldades (não definidas) no relacionamento dos jovens, o criminoso era louco (as palavras *louco* e *loucura* sempre aparecem), os cômicos eram patéticos e tristes e as duas mulheres iriam cometer algum atentado ou se tratava de um encontro político.

Promovi um debate com os grupos após a pesquisa e fiquei surpreso com a afirmação da maioria de que, após cada série de cenas, os atores teriam modificado a sua interpreta-

ção. Não me pareceu que isso tivesse acontecido, mais levei em conta se, por acaso, as cores também não teriam afetado um pouco os atores.

Após um mês, com muitas dúvidas e desconfianças, voltei a repetir a pesquisa, só que, agora, cada grupo de dez espectadores assistia às cenas iluminadas com uma só cor. O primeiro grupo assistiu com a luz branca, o segundo com a luz âmbar e o terceiro com a luz cinza (eram novas pessoas que não participaram da experiência anterior). Os atores eram os mesmos e já sabiam da experiência, mas se comprometeram a evitar qualquer reforço de interpretação relativo à cor. Os resultados foram idênticos aos da primeira bateria!

Não me dei por satisfeito e repeti o exercício dois meses após o último e, mais uma vez, obtive resultados semelhantes ao primeiro e ao segundo, com pouquíssimas variações. Isto ocorreu em dezembro de 1983. Em 1984, em maio, ao comentar esse resultado com alguns técnicos, entre eles Nezito dos Reis (iluminador) e Francisco Giachieri (cenógrafo), fui instado a repetir a pesquisa. Mudei os atores e as atrizes e, em junho, convidei alguns profissionais e assistirem e participarem, juntamente com o público comum. Estiveram presentes: Nezito dos Reis (iluminador), Edson Luiz (sonoplasta), Armando Azzari (ator e professor), Luiz Nascimento (programador cultural), Flávio Império (cenógrafo), Mime Pato (mímico), Francisco Giachieri (cenógrafo), Nery Gomide (dramaturgo), Fernando Muralha (encenador) e mais vinte e uma pessoas. Esses profissionais foram divididos em três grupos, formando, com as pessoas comuns, dez componentes para cada grupo. A experiência foi realizada na Sala Jardel Filho, no Centro Cultural São Paulo, no dia 11 de junho de 1984. Cada grupo de dez assistiu às cenas com um tipo de gelatina. Os resultados, invariavelmente, eram semelhantes aos encontros nas experiências anteriores.

Faltaram-me tempo e meios para fazer uma pesquisa em quantidade suficiente, utilizando outras gelatinas e suas indi-

cações para sentimentos, o que não exclui a interessante constatação (embora primária) das modificações semiológicas (e também psicológicas) causadas pela mudança das cores e não diminui a vontade de retornar ao assunto em grande profundidade.

Naturalmente, encontraremos no teatro ilusionista os símbolos que estão incorporados à linguagem, ao gesto, ao som e à luz, e aqui nos referimos aos signos da encenação, criação do diretor, além dos que já existem no texto, intrínseco à própria estética, deste ou daquele estilo dramático.

Ilusionista ou não ilusionista, as duas vertentes teatrais são ambas formas atreladas aos significantes e significados, por serem integrantes de um processo de comunicação que tem a sua “realidade” em cena.

*“Todas as realidades de cena, o texto do autor, a representação do ator, a iluminação, são realidades que apresentam outras realidades. Uma manifestação teatral é um conjunto de signos”.*³

Assim se manifesta Jindrich Honzl, em 1940, situando esse tipo de realidade existente no próprio ato de fazer teatro, seja ele realista ou não. Por outro lado, e para não criar confusão, é necessário estabelecer que essa realidade de cena não tira a característica de ficção do teatro. Como nos diz Umberto Eco, “(...) se o teatro é ficção, é apenas porque, antes de mais nada, ele é signo”.⁴ É claro que isto só não é definitivo, pois muitos signos que pretendem indicar, denotar e significar coisas que existem realmente, não são ficção. O próprio Umberto Eco explica a primeira colocação:

3. Jindrich Honzl. “A Modalidade de Signo Teatral”. In: Jacó Grinsburg e outros (org.), *Semiologia do Teatro*. São Paulo, Perspectiva, 1978, p. 127.

4. Umberto Eco. “Parâmetros da Semiologia Teatral”. In: André Helbo (org.), *Semiologia da Representação*. São Paulo, Cultrix, 1980, p. 29.

*“O signo teatral é fictício, não só porque se trata de um fingimento ou de um signo que comunica coisas inexistentes (e, de resto, seria necessário decidir aqui o que significa afirmar que uma coisa ou evento são existentes ou falsos), mas porque ele finge ser um signo”.*⁵

No teatro, contrariamente ao que acontece na vida real, cada utilização de luz, ou objeto cenográfico, figurino, etc. acaba tendo seus signos transformados da maneira mais rápida e mais variada. Assim sendo, uma luz geral azul poderá significar, inicialmente, a paz que sucede a uma cena de violência, mas sua permanência, acompanhando alguma tristeza expressa por uma personagem, se bem caracterizada pela representação, acentua e marca essa depressão. A mesma luz, em outro momento, poderá significar uma noite tétrica, sem nenhuma paz ou tranquilidade.

*“O teatro assumiria então, à sua maneira, a narração de uma história que já não seria contada por intermédio do narrador, mas diretamente oferecida pelo caráter imediato das linguagens dramáticas: cenário, iluminação, som, gesto”.*⁶

É verdade que, na vida real, a mesma iluminação azul poderá ser interpretada de acordo com o estado de espírito ou crenças de quem a observa. O luar pode ser motivação para o romance de dois apaixonados, como pode formar o cenário de terror para quem já foi perseguido por um ladrão, numa noite enluarada.

A iluminação, além disso, no palco, cumprindo o papel de signo, pode assumir características e funções que não tem na vida real. Assim como, numa peça do teatro do absurdo,

5. Id., *ibid.*, p. 29.

6. Giles Girard e outros. *O Universo do Teatro*. Coimbra, Livraria Almedina, 1980, p. 19. (grifos nossos).

um padre pode entrar num caixão de defunto, como se fosse um batente de uma porta e, na teatralidade do jugo dramático infantil, um guarda-chuva se transforma numa hélice de um avião e um caixote em um tronco de rei, poderá um foco de luz ser a entrada de um túnel, na peça homônima *O Túnel*, de Pär Lagerkvist, embora os túneis sejam escuros. Mais incomum ainda foi o uso que se fez, por exemplo, de um foco de luz que oscilava em intensidade, para representar um ser poderoso na peça *Mockinpot*, de Peter Weiss, direção de José Luis Gomes, em 1976.

Um simples foco, de um canhão seguidor, utilizado nos entreatos da peça *O Noviço*, de Martins Penna, sob a direção de Neyde Veneziano, com o grupo do SESC de Santos (São Paulo), em 1986, servia para acentuar as características cênicas de uma cantora lírica (em travesti), que apresentava modinhas imperiais, acompanhada ao piano. A luz fazia um jogo de “pega-pega” que subia, descia, diminuía o tamanho do disco de luz, acompanhava atrasado o deslocar da cantora, às vezes se antecipava, ou saltava com o ritmo. Essa iluminação apresentava-se como se fosse um ator e “dialogava” com a cantora.

Em alguns casos, a luz poderá exprimir a própria personagem, e já citamos isso anteriormente com o foco representando o ser poderoso de *Mockinpot*, ou o Anjo, enviado de Godot, transmitindo a Vladimir e Stragon que a espera de Godot se faria ainda por muito tempo. Na montagem do grupo português *A Barraca* da peça *Luzitânia*, em 1980, na cidade do Porto, os relâmpagos são, ao mesmo tempo, a vontade do Ser Supremo, a passagem do tempo e a própria tempestade. Na peça infantil *Peter Pan*, de J. M. Barrie, a fada *Sininho* toma o veneno que estava no copo, para salvar a vida do “menino voador”. Elmer Rice assim descreve a cena:

“(...) a luz, desvanecendo-se, nos avisa que *Sininho*, envenenada, está morrendo e *Pedro*, dirigin-

do-se ao público exclama: ‘Vocês acreditam em fadas? Digam depressa que sim! Se acreditam, batam palma!’”⁷

A platéia entra imediatamente numa aflita empatia para salvar a graciosa fada, que é representada por uma lampadazinha suspensa que anda, às voltas, pela cena e que não fala, mas que se manifesta pelo tilintar de pequenos sinos. A fadinha volta à vida com os gritos e palmas das crianças “do mundo inteiro” (como reza a tradição). Com o volume das palmas, o operador de luz aumenta e diminui a intensidade da lâmpada miúda e a iluminação de cena.

Em busca da teatralidade, o teatro-realista utiliza-se de muitas outras formas de artes (música, dança, pintura, etc.), de maneira mais ampla que o teatro realista. O mesmo se dá com a iluminação; o primeiro apresenta um número maior de signos que o teatro realista, no qual a luz veicula, às vezes, apenas um único signo. A luz de um luminoso, piscando em várias cores, através de uma janela, no teatro realista, indica o luminoso existente numa cenografia que representa um quarto de um prédio no centro da cidade (é claro que também pode estar carregado de uma forte “expressividade do real”). Entretanto, em uma peça expressionista, esse luminoso deverá estar pleno de significados de solidão, de nervosismo, de tensão, além de significar o próprio luminoso, é claro.

7. Elmer Rice. *Teatro Vivo*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1962, p. 43.

QUEM VEM LÁ?

JEAN TARDIEU¹

Tradução: Dina Moscovici

O PAI (idade indefinida)

A MÃE (idade indefinida)

O FILHO (jovem)

A MULHER (personagem que se ignora de onde vem)

O HOMEM (assassino executor de uma ordem)

A cena representa uma sala desmantelada e vazia. Ao fundo uma porta, à direita uma janela. A porta está fechada. A janela se vê escura, pois é noite. Em primeiro plano, à direita, uma mesa sobre a qual estão colocados três pratos. O pai (à esquerda), a mãe (no centro) e o filho (à direita), estão sentados ao redor da mesa.

Uma luz uniforme, impessoal e triste, como das salas de espera das estações ferroviárias, inunda o cômodo.

Pela simplicidade premeditada, quase implacável de sua atuação (silêncios, entonações umas vezes compungidas, outras profundamente graves, gestos intensamente lentos salvo nos momentos patéticos), os atores devem dar a impressão – bem conhecida dos psicólogos – de que tudo “deve ter acontecido já em alguma parte”.

O PAI (*Virando a cabeça em direção ao público*) – Eu sou o pai. Eis aqui minha mulher e meu filho. Lá fora, a noite é fria e longa, é o inverno. Mas aqui nos acalentamos uns aos outros e estamos sentados diante desta mesa para acalmar a fome, trocando frases efetuosas.

(Pausa)

O PAI (*Ele mesmo pergunta e ele mesmo responde, enquanto a mãe e o filho, com os olhos fixos, se calam.*) – Que fizeste esta manhã? Fui à escola. E tu? Fui ao mercado. Que encontraste? Legumes mais caros que ontem e carne mais barata: uma coisa compensa a outra. E a ti, o que te disse o professor? Que eu estou progredindo muito. Vai, filho meu, continua estudando e verás que tudo sairá bem. Ah, como somos felizes assim reunidos! Que noite fria e tão escura lá fora. Alegremo-nos de não ter que sair.

Uma mulher surge do proscênio esquerdo e interpela o pai, que ouve e responde sem voltar a cabeça.

A MULHER – Bom homem, deverias ter cuidado! Não é só a noite que está lá fora.

O PAI – Que queres dizer?

A MULHER – Toma cuidado! Toma cuidado! (*Baixando a voz*) Creio que há um homem atrás da porta.

O PAI – O que faz ele?

A MULHER – Não sei. Creio que ele espera.

O PAI – O que espera ele?

A MULHER – A ti, talvez...

O PAI – Bem, vou lá ver... (*A mulher desaparece. O pai se levanta, vai até a porta e a abre. Um homem muito alto, vestido com uma casaca de gala mas com a cabeça descoberta, está em pé, no umbral.*) – Que quer o senhor? Deseja falar comigo? Então entre. O que tem para dizer-me?

Em silêncio, o homem agarra o pai pela garganta com ambas as mãos e o estrangula. Bruscamente, a janela se abre sozinha. O homem carrega o cadáver sobre o seu ombro e desaparece pela porta. Durante este tempo, a mãe e o filho viram a cabeça para a direita cobrindo o rosto com as mãos e permanecem algum tempo nessa posição. A mulher de preto reaparece pela direita.

1. Poeta e dramaturgo francês, falecido em 1995. Autêntico precursor do Teatro do Absurdo, escreveu peças experimentais e abstratas, buscando pesquisar a linguagem e o *non-sense*. O leitor poderá encontrar nos *Cadernos de Teatro* 141 vários esquetes condensados sob o título “Uma Peça por Outra”.

A MULHER – *(Depois de um suspiro)* – Acabou! Sucedeu o que tinha que suceder... Lá fora a noite chega a seu fim. Não chores mais, boa mulher, e vai até a janela *(A mãe se levanta e caminha até a janela)* – O que vês? Responde! Podes falar agora.

A MÃE – O campo está coberto de mortos.

A MULHER – E as ruas?

A MÃE – As ruas estão cobertas de flores.

A MULHER – E o sol, como está?

A MÃE – O sol está no fundo de um sótão, mas seus primeiros raios começam a surgir através de uma clarabóia. *(Grita)* Ah!..

A MULHER – *(Rapidamente)* – O que vês?

A MÃE – Vejo o pai ... lá... entre os mortos...

A MULHER – Não o sabias, pobre mulher?

A MÃE – Sim. Como são numerosos seus companheiros!

A MULHER – *(Para o filho)* – Filho, vai até a janela e chama teu pai.

O filho se levanta, vai até a janela e chama, enquanto a mãe volta para sua cadeira.

O FILHO – Pai, pai!... Pa...a...i!...

A MULHER – Te escutou?

O FILHO – Sim! Está se levantando, passa por cima dos mortos... Vem para cá...

A MÃE – Ouço seus passos na escada... É ele... *(O pai, com a dignidade da morte refletida em seu semblante, aparece no umbral da porta, que havia permanecido aberta. O filho se precipita até ele gritando "Pai". A mãe oculta o rosto entre as mãos por um breve instante, depois se levanta. sem olhar para o pai, vira-se para o público)* – Quem o matou?

O PAI – Não era um homem.

A MÃE – Quem és tu?

O PAI – Eu não sou um homem.

A MÃE – Quem és tu?

O PAI – Ninguém.

A MULHER – Onde está, então, o homem?

O PAI – Em nenhum de nós.

A MÃE – Mas eu me lembro: Tu vivias!...

O PAI – Em um de nós o homem morreu, já não está ou nem sequer...

A MULHER – Onde está?

O PAI – Procuremos juntos: algum dia, entre nós ... estará...

A mãe, o pai e o filho regressam lentamente a seus lugares, ao redor da mesa.

A MULHER – A janela se ilumina. *(um fulgor ilumina os vidros)*... Alguém se aproxima... Esperemos!...



AS ARMAS E O HOMEM

BERNARD SHAW¹

(Tradução: Ricardo Hofstetter)

¹ George Bernard Shaw (1856-1950), nascido na Irlanda, foi dramaturgo e crítico teatral. Nesta última função destacou-se trabalhando no *Saturday Review*, entre 1895 e 1897. Sua primeira peça – *Widower's House* – foi escrita em 1885, sendo encenada pela primeira vez apenas em 1892. *As Armas e o Homem*, que publicamos a seguir, data de 1894, e tornou-se uma de suas obras mais populares.

Outras peças suas foram: *A Profissão de Mrs. Warren* (banida durante muitos anos por tratar do tema prostituição), *Cesar e Cleópatra* (1898), *O Dilema do Médico* (1906), *Homem e Super-Homem* (1901-3), *Androcles e o Leão* (1912) e *Pigmaleão* (1913) – que o firmou como um dos maiores dramaturgos britânicos – para citar apenas algumas dentre as muitas peças que escreveu. Como dramaturgo deixou sua marca através de um humor brilhante e combativo, sempre pronto a denunciar “as verdades absolutas de sua época”. Suas contribuições teóricas ao estudo da arte de representar e dirigir fazem parte do reconhecimento que lhe é devido. E como crítico musical, primeiramente, e teatral, em seguida, ficou famoso pelo tom irreverente e pela iconoclastia.

Um verdadeiro homem de teatro.

“A vida que levamos é tão dura e cheia de mesquinhas! Mas de repen-

te pinta um texto de Bernard Shaw para traduzir. Um zen-budista desses já disse: quando um homem faz o que gosta, fica difícil dizer se ele está trabalhando ou se divertindo. Traduzir Shaw significa se divertir, aprender, brincar. Tudo se encaixa, tudo se acomoda, como dois amantes dividindo uma cama de solteiro. Lendo ou assistindo Shaw a gente entende por que algumas pessoas escolhem trabalhar com arte. É o único jeito de manter viva a criança que um dia fomos. Voltar a ser criança, sofrer como elas. É mais ou menos isso. Tudo com gostinho de chocolate”.

Relendo este texto hoje, me voltou todo o prazer que senti ao traduzir o original. Os textos de Shaw têm aquilo que vagamente chamam de carpintaria teatral. Quando comecei a escrever para teatro, carpintaria teatral era um mistério total. Todo mundo sentia quanto tinha, mas ninguém sabia dizer como criá-la. Hoje sei que para entender o termo, basta ler alguns textos de Shaw. Nenhuma palavra ou ação feita pelos personagens é em vão. Se algum personagem fez ou disse alguma coisa que, naquele momento, pareceu sem motivo, com certeza, em alguma cena à frente, aquela palavra ou ação fará sentido. É o caso do revólver do capitão suíço esquecido numa cadeira na primeira cena. Logo a seguir ele será motivo de grande tensão (quando os soldados búlgaros entram no quarto procurando pelo suíço). Esse é apenas um exemplo. “Arms

and the man” está recheado deles. Vale a pena ler e identificá-los. É uma aula.

Ricardo Hofstetter

(Extraído do programa da peça, montada com o título “As armas e o homem de Chokolatte”. Estreou no Teatro Glauce Rocha, Rio de Janeiro, em 1994, dirigida por Cláudio Torres Gonzaga.)

QUANDO A CORTINA ABRE vemos o quarto de RAÍNA. Uma janela com uma pequena sacada de onde se avista os Balcãs. O estilo da decoração se divide entre o faustoso búlgaro e o vulgar e barato de Viena. Um oratório com o Cristo, uma cadeia otomana, cômoda, penteadeira com espelho e porta de entrada. Sobre a cômoda, uma pilha de livros, uma caixa de bombons e, em destaque, uma foto de SERGIUS em uniforme militar.

(Raína está debruçada na sacada curtindo sonhadamente a noite lá fora. Nas caixas de som, ouve-se uma voz grave e circunspecta de homem).

VOZ EM OFF – Bulgária, 1885. Numa pequena cidade perto do Passo Dragoman, uma jovem búlgara, em seu quarto búlgaro, contempla, sonhadora, da sacada de janela, a noite estrelada, tendo ao fundo os Balcãs, também búlgaros.

CATARINA – *(Entrando em cena cheia de novidades.)*

Raína! Raína! *(Vai até a cama e não acha nada)* Ué, cadê a Raína? *(Percebendo que ela está na sacada)* Meu

Deus, Raína, você quer ganhar uma pneumonia nessa friagem? Você devia estar na cama, minha filha. Liuka me disse que você já estava dormindo.

RAÍNA – As estrelas estão tão lindas. Você reparou na lua cheia, mamãe? Definitivamente é uma noite búlgara. Mas o que a senhora quer?

CATARINA – Grandes notícias! Houve uma batalha terrível em Sli-vnitza.

RAÍNA – E?

CATARINA – E uma grande vitória búlgara conquistada por Sergius.

RAÍNA – (Num grito de satisfação.) Oh! (As duas se abraçam.)

RAÍNA – E papai, está bem?

CATARINA – Claro. Foi ele quem mandou as notícias. Sergius é um herói, o ídolo do batalhão!

RAÍNA – e como foi, mamãe? (Em êxtase.) Oh, mamãe, mamãe!

(RAÍNA leva a mãe até a cadeia otomana e as duas se beijam freneticamente.)

CATARINA – (Com entusiasmo crescente) Foi emocionante! Uma carga fulminante da cavalaria! Sergius tomou a frente de nossos oficiais russos e, agindo por conta própria, comandou uma carga da cavalaria contra as armas inimigas. Eu posso até ver: nossos bravos e galantes soldados búlgaros, com suas espadas e olhos flamejantes, caindo como um trovão sobre aquele bando de canalhas sérvios e seus oficiais austríacos metidos a elegantes. E

você, Raína, francamente, levou um ano pra aceitar o pedido de casamento de Sergius! Se você tiver uma gota de sangue búlgaro correndo nas veias vai se arrastar aos pés dele quando ele voltar.

RAÍNA – Agora que Sérgius é um herói, nem vai ligar para minhas desculpas. Mas não importa, mamãe, eu estou tão feliz, tão orgulhosa. Isso prova que nossas idéias estavam certas.

CATARINA – Nossas idéias? O que você quer dizer com isso?

RAÍNA – Nossas idéias sobre Sergius. Nosso patriotismo, nossos ideais heróicos. Algumas vezes cheguei a duvidar de tudo isso. Que criaturas incrédulas são as mulheres. Quando eu segurei a espada de Sérgius ele me pareceu tão nobre. Foi traição minha pensar que... mamãe, promete guardar um segredo?

CATARINA – Depende muito, depende muito.

RAÍNA – Enquanto Sergius me segurava em seus braços me passou pela cabeça que talvez nós só tivéssemos ideais heróicos porque gostamos de ler Byron e Pushkin e porque freqüentamos a ópera de Bucareste. Mas a vida real é tão diferente que eu cheguei a duvidar de Sérgius. Pensei que seu heroísmo fosse desaparecer quando ele estivesse no campo de batalha. Tive medo de que ele fizesse um papel ridículo na frente de todos aqueles oficiais do Czar.

CATARINA – Papel ridículo? Você deveria se envergonhar, Raína! Sérgius é um herói.

RAÍNA – Sim, Sérgius é um nobre e esplêndido herói. Como eu fui idiota. O mundo pode ser glorioso para as mulheres que acreditam na coragem de seus homens. Que felicidade! Que... (Liuka entra e interrompe)

LIUKA – Com licença, madame, todas as janelas devem ser fechadas e trancadas imediatamente. Vai haver tiroteio pelas ruas. (Raína e Catarina se levantam ao mesmo tempo, alarmadas).

LIUKA – Os sérvios estão sendo perseguidos desde o desfiladeiro. Dizem que eles podem entrar na cidade. Nossa cavalaria está atrás deles. Mas o povo da cidade está pronto para recebê-los como merecem. (Liuka vai até a sacada, fecha as janelas e volta.)

CATARINA – Preciso ver se está tudo trancado lá embaixo.

RAÍNA – Espero que nosso povo não seja cruel. Qual a glória de matar fugitivos estropiados?

CATARINA – Cruel?! Você acha que eles não hesitariam em matar a todas nós, ou quem sabe fazer coisa pior?

RAÍNA – (Para Liuka). Pode deixar as janelas abertas. Se ouvir algum barulho suspeito eu tranco.

CATARINA – Nada disso, querida. vamos deixar as janelas bem trancadas. Você pode cair no sono e esquecer de fechar. Tranca tudo, Liuka.

LIUKA – Sim, madame. (*Vai tran- car as janelas*).

RAÍNA – Não se preocupe, mamãe, se ouvir um tiro eu apago as velas e me enfio debaixo das cobertores.

CATARINA – É a melhor coisa a fazer, minha filha. Boa noite.

RAÍNA – Boa noite (*Elas se beijam*.)

RAÍNA – Essa é a noite mais feliz de minha vida. Se não me aparecer nenhum sérvio pela frente, claro.

CATARINA – Vai se deitar e não pense mais nisso, minha filha. (*Sai*)

LIUKA – (*Em tom de segredo*) Se a senhora quiser é só empurrar a janela assim (*Empurrar a janela que se abre. Depois a fecha novamente*) O ferrolho de baixo não tem lingueta.

RAÍNA – Obrigado, Liuka, mas devemos fazer o que mamãe mandou. Boa noite.

LIUKA – Boa noite. (*Sai reboiativa*) (*Raína tira o roupão e o atira na cadeira otomana. Vai até o retrato de Sergius e o fica adorando como uma sacerdotisa, sem beijá-lo ou abraçá-lo*).

RAÍNA – Eu nunca mais duvidarei de você, meu herói. Nunca mais, nunca mais, nunca mais. (*Ela faz uma reverência, se despedindo da foto. Pega um livro e o folheia sonhadora. Suspira feliz e se enfia na cama para ler. Antes de começar, olha mais uma vez para a foto*.)

RAÍNA – Meu herói! Meu herói! (*Um tiro lá fora. Raína fica atenta. Mais*

tiros. Ela pula da cama e apaga as velas em cima da cômoda e da penteadeira e volta para a cama. O quarto fica iluminado pela vela na imagem de Cristo. Mais tiros. Há uma fuzilaria que ilumina o quarto. De repente, vê-se que a janela se abre e um vulto entra fechando novamente a janela. Ele caminha coxeando pelo quarto. O silêncio e o escuro são quebrados por um fósforo que é acesso pelo vulto.)

RAÍNA – Quem está aí? (*O fósforo se apaga imediatamente*.)

RAÍNA – Quem está aí? Quem é?

HOMEM – (*Baixo e ameaçador, com um revólver na mão*.) Sshhhh! Não grita senão eu atiro. Seja boazinha que nada de mal vai acontecer. (*Raína se levanta da cama e tenta chegar à porta*.)

HOMEM – Não adianta fugir.

RAÍNA – Mas quem...

HOMEM – (*Cortando, ameaçador*.) Cala a boca. Se gritar eu atiro! Acende uma vela que eu quero te ver. Você ouviu? (*Após alguns momentos de silêncio e escuridão, Raína acende a vela da cômoda. Ela vê um homem com uniforme de oficial sérvio com mais ou menos 35 anos, num estado deplorável, sujo de sangue, lama e neve*.)

HOMEM – Desculpe entrar assim, mas você reconhece o meu uniforme, não é? Sou do exército Sérvio. Se eu for pego, me matam. (*Ameaçador, enquanto tranca a porta*.) E eu não pretendo morrer enquanto estiver vivo, entendeu?

RAÍNA – Não. Mas não importa. Alguns soldados têm medo de morrer mesmo.

HOMEM – Todos, minha cara senhorita, todos têm medo de morrer, pode acreditar. É nosso dever viver o máximo que pudermos. Portanto, se der o alarme...

RAÍNA – O senhor atira. E se eu não tiver medo de morrer?

HOMEM – Aí um bando de soldados búlgaros entrará por essa porta e me matarão como um porco. É claro que eu vou resistir como um demônio, não vou deixar que me levem para rua para se divertirem comigo. Eu conheço os soldados búlgaros. Mas a senhorita? Está preparada para receber os soldados búlgaros nesses trajes? (*Raína se toca de que veste apenas camisola e fica envergonhada. Ela se dirige à cadeira otomana*.)

HOMEM – Parada! Onde pensa que vai?

RAÍNA – Vestir meu roupão.

HOMEM – (*Indo até a cadeira e pegando o roupão*.) Boa idéia. Eu fico com o roupão. Assim você será a primeira a ser contra a entrada dos soldados búlgaros nesse quarto. Essa arma é melhor do que o revólver. (*Coloca o revólver sobre a cadeira*.)

RAÍNA – Isso não é arma de cavaleiro.

HOMEM – É o bastante para quem só tem a senhorita para se proteger da morte. (*Nova fuzilaria lá fora*.)

HOMEM – Se você pretende chamar aqueles assassinos para me pegarem terá de recebê-los como está vestida. (*Confusão lá fora, batidas na porta da casa.*)

VOZ DOS SOLDADOS – Abram a porta! Abram a porta! Acordem e abram essa porta!

VOZ DE UMA CRIADA – Essa é a casa do major Petkoff, vocês não podem entrar. (*Mais batidas na porta que parece ser arrombada. Sons de passos e murmúrios dos soldados entrando.*)

VOZ DE CATARINA – O que significa isso, senhor? Vocês sabem onde estão? (*O barulho diminui lá embaixo.*)

VOZ DE LIUKA – (*Batendo na porta do quarto de Raína.*) Senhora! Senhora! Levante e abra a porta. Senão eles vão arrombar.

HOMEM – Não adianta, minha senhora. estou perdido. (*Atira o roupão a Raína.*) Vista-se antes que eles entrem.

RAÍNA – Obrigada. (*Veste-o*)

HOMEM – Não tem de quê.

RAÍNA – O que você vai fazer?

HOMEM – O primeiro que entrar vai ver. Fica longe da porta. Não vai demorar muito, mas não vai ser bonito de se ver. (*Tira o sabre e fica diante da porta esperando.*)

RAÍNA – Eu vou te ajudar.

HOMEM – Você não pode.

RAÍNA – Claro que posso. Eu vou te esconder. (*Leva o homem até a janela.*) Entra aqui, atrás da cortina.

HOMEM – Nesse caso, talvez haja metade de uma chance. Mas você vai conseguir se controlar?

RAÍNA – (*Fechando a cortina e indo para a otomana.*) Sshhhh.

HOMEM – (*Colocando a cabeça de fora da cortina*) Mas não se esqueça, hein?

RAÍNA – De quê?

HOMEM – De que nove entre 10 soldados são idiotas de nascença. (*Raína fecha a cortina com raiva. Ele coloca a cabeça de fora novamente, agora do outro lado da cortina.*)

HOMEM – Se me acharem, vou lutar até a morte. (*Raína o encara com ódio e ele se esconde. Ela tira o roupão e o atira no pé da cama. faz um ar de quem acabou de sair da cama e vai abrir a porta. Liuka entra excitada.*)

LIUKA – Uma daquelas bestas sérvias foi vista escalando sua janela pelo encanamento. Nossos homens querem procurar aqui. Eles estão furiosos e bêbados, parecem uns selvagens. (*Vai para o outro lado do quarto, procurando ficar o mais longe possível da porta.*) Sua mãe disse pra senhora se vestir o mais rápido possível e... (*Vê o revólver sobre a otomana e se cala petrificada.*)

RAÍNA – (*Como se estivesse irritada por ter seu sono interrompido.*) Eles não vão procurar aqui. Por que os deixaram entrar?

CATARINA – (*Entrando apressadamente.*) Raína, querida, você está bem?

Você ouviu algum barulho aqui em cima?

RAÍNA – Eu ouvi um tiroteio. Mas com certeza nossos soldados não vão querer entrar aqui, não é?

CATARINA – Graças a Deus eu encontrei um oficial russo que conhece Sergius. (*Falando para alguém do outro lado da porta.*) Senhor, pode entrar agora. Minha filha vai recebê-lo. (*Entra o oficial russo vestido com uniforme búlgaro e uma espada na mão.*)

OFICIAL – Boa noite, graciosa senhorita. Desculpe a intromissão, mas há um fugitivo sérvio escondido na sua sacada. Vocês poderiam se retirar enquanto damos uma busca?

RAÍNA – Ridículo, senhor. Não tem ninguém na sacada. (*Raína abre as janelas mostrando a sacada e fica em pé, de costa para a cortina onde o homem está escondido. Ouve-se alguns tiros bem abaixo da sacada. Uma bala atinge uma vidraça. Raína estremece de susto mas mantém sua posição. O oficial russo vai até a sacada e grita para os soldados lá embaixo.*)

OFICIAL – Cuidado aí embaixo! Cessem fogo, seus idiotas! Vocês estão me ouvindo, seus cretinos?! (*Para Raína.*) Alguém pode ter entrado sem que a senhorita percebesse?

RAÍNA – Impossível, eu ainda nem tinha me deitado.

OFICIAL – (*Impaciente, voltando para o quarto.*) Seus vizinhos andam vendo fugitivos sérvios por toda parte.

Adorável senhorita, um milhão de desculpas. Boa noite. *(Ele cumprimenta a todos e se retira. Catarina o segue. Raína fecha a janela e percebe Liuka que esteve o tempo todo observado a cena com curiosidade.)*

RAÍNA – Fique perto de mamãe até que os soldados saiam, Liuka. *(Liuka olha para Raína, para a otomana e para a cortina onde o homem se esconde. Dá um muxoxo, ri insolente e sai. Raína, revoltada com a atitude da criada, vai atrás e bate a porta com força depois que ela sai e a tranca. O homem sai de trás da cortina com o sabre na mão.)*

HOMEM – Foi por um triz. *(Numa reverência.)* Senhorita, seu servidor até a morte. Eu devia ter me alistado no exército búlgaro. Eu não sou sérvio.

RAÍNA – Ah, o senhor deve ser um desses austríacos que enviam sérvios para roubar nossa liberdade. Conheço bem o seu tipo. Nós búlgaros os odiamos.

HOMEM – Não me odeie à toa, senhorita. Eu não sou austríaco. Sou um mercenário suíço. Só me alistei no exército sérvio porque eles chegaram primeiro na Suíça. Seja mais generosa, vocês búlgaros já bateram na gente o bastante por hoje.

RAÍNA – E por acaso eu não tenho sido generosa?

HOMEM – Nobilíssima. Uma verdadeira heroína. Mas eu ainda não estou salvo. Ainda tenha uma noite inteira de

fuga pela frente. Importa-se que eu fique aqui por mais um ou dois minutos?

RAÍNA – Claro que não. Não quer sentar?

HOMEM – Obrigado. *(Ele senta no pé da cama. Raína, elegantemente, vai até a otomana e, sem perceber, se senta em cima do revólver, levando um enorme susto e dando um grito. O homem estremece ao ouvir o grito.)*

HOMEM – Quer me matar do coração? O que foi?

RAÍNA – Seu revólver. Esteve à vista do oficial russo o tempo todo. Que sorte ele não ter percebido.

HOMEM – Só isso!

RAÍNA – *(Irônica.)* Desculpe por tê-lo assustado. *(Entrega o revólver para ele.)* Toma o revólver. Para se proteger de mim.

HOMEM – Esse revólver não serve para nada. Está descarregado. *(Sorri e coloca o revólver no coldre.)*

RAÍNA – Então é melhor carregá-lo.

HOMEM – Eu não tenho munição. Balas não servem para nada numa batalha. Em vez delas, eu carrego chocolates. Só que o último acabou há algumas horas atrás.

RAÍNA – Chocolate! Quer dizer que quando vai para uma batalha você enche os bolsos de chocolate como uma criancinha?

HOMEM – Não é desprezível? Mas o que eu mais gostaria agora era um chocolate para comer.

RAÍNA – Com licença. *(Vai até a cômoda e volta com a caixa de bombons.)* Pena que eu comi quase todos. *(Oferece a ele.)*

HOMEM – Você é um anjo. *(Devora alguns. Procura mais na caixa, mas não acha mais nada.)* Hum, que delícia. Deus a abençoe. Sabe como se diferencia um soldado jovem de um veterano? Pelo conteúdo das caixas de munição que carregam. O jovem leva munição e o veterano comida. Muito obrigado. *(Ele entrega a caixa de volta. Raína pega a caixa abruptamente e a atira longe. Ele leva outro susto.)*

HOMEM – Você quer me matar do coração, não é? Está se vingando porque eu a assustei quando entre no quarto?

RAÍNA – Me assustou? Tem graça. Pelo que estou vendo, sou mais corajosa que o senhor.

HOMEM – Acredito. Acontece que você não passou três dias debaixo de fogo cruzado. Dois dias ainda dá para suportar, mas três, ninguém agüenta. Eu estou uma pilha de nervos. *(Senta na otomana e coloca a cabeça entre as mãos.)* Gostaria de me ver chorar?

RAÍNA – Não!

HOMEM – Se quiser, é só me repreender como se eu fosse uma criança, que eu começo.

RAÍNA – *(Comovida.)* Desculpe, eu não vou repreendê-lo. *(Ele levanta a cabeça e olha para ela, que fica sem graça e disfarça, se afastando da otomana.)*

RAÍNA – Nosso soldados são bem diferentes do senhor.

HOMEM – Bobagem. Só existem dois tipos de soldados: os veteranos e os jovens. Eu servi durante quatorze anos. A maioria dos soldados búlgaros nunca sentiu nem o cheiro de pólvora. Como é que eles nos venceram? Pura ignorância sobre a arte da guerra, nada mais. (*Indignado.*) Eu nunca vi nada tão amador em toda a minha vida.

RAÍNA – (*Irônica.*) Foi amadorismo vencer vocês?

HOMEM – Não é amadorismo lançar um regimento de cavalaria contra uma bateria de metralhadoras? Se nossas armas atirassem não sobraria nem um cavalo pra contar a história. Eu não pude acreditar quando vi tanta ignorância.

RAÍNA – (*Ansiosa e entusiasmada.*) Você viu a grande carga da cavalaria? Conta como foi, conta!

HOMEM – Você nunca viu uma carga de cavalaria, viu?

RAÍNA – Como poderia ter visto?

HOMEM – É uma coisa engraçada. É como soltar um monte de ervilhas sobre uma tábua inclinada: na frente vem uma ervilha, seguida de perto por duas ou três e lá atrás vem o resto amontoado.

RAÍNA – (*Com os olhos brilhando, em êxtase.*) Sim, o primeiro deles? O mais bravo de todos!

HOMEM – Você devia ter visto o pobre coitado tentando frear o cavalo.

RAÍNA – Por que ele tentaria frear o cavalo?

HOMEM – (*Impaciente com tanta ignorância.*) Porque o cavalo tinha disparado, claro. Ou você acha que ele queria ser o primeiro a levar um balaço de metralhadora na cara? Sabe, você pode diferenciar os veteranos dos novatos pelo olhar selvagem. Os jovens vêm sempre na frente feito doidos e os veteranos ficam lá atrás. Eles sabem que não passam de fantoches e que não adianta nada lutar. Seus ferimentos, em geral, são joelhos quebrados pelo empurrar dos cavalos.

RAÍNA – Eu não acredito que o primeiro homem seja um covarde. Eu sei que ele é um herói!

HOMEM – (*Irônico.*) Claro, um herói, a senhorita devia ter visto o homem que comandou a carga de hoje.

RAÍNA – (*Com falta de ar.*) Eu tinha certeza! Conta como foi!

HOMEM – Ele parecia um tenor de ópera. Um sujeito simpático, com o olhar flamejante e um adorável bigode. Parecia Dom Quixote de La Mancha avançando contra os moinhos de vento. Nosso batalhão caiu na gargalhada.

RAÍNA – Vocês ousaram rir?

HOMEM – Claro. Mas quando nosso sargento apareceu branco como uma folha de papel, dizendo que tinham mandado pra gente munição de calibre errado nós engolimos o riso. Nunca fiquei tão danado na vida. Eu não tinha um cartucho no meu revólver, só choco-

lates. Nem baionetas nós tínhamos. É claro que eles iam nos partir em pedaços. E lá vinha aquele Quixote ensandecido, pensando que tinha feito a coisa mais inteligente do mundo. Esse cara devia pegar uma corte marcial. De todos os idiotas que já soltaram num campo de batalhas esse foi o maior. Ele simplesmente levou seu regimento ao suicídio. Se salvaram apenas porque não tínhamos munição. Só isso.

RAÍNA – (*Profundamente decepcionada, mas mantendo as aparências.*) Com certeza! E você reconheceria esse homem se o visse novamente?

HOMEM – Claro. Eu nunca vou esquecer a cara daquele idiota. (*Ela vai até a cômoda. Ele a olha esperando por mais alguma coisa para comer. Ela traz o retrato de Sergius e o mostra a ele.*)

RAÍNA – Esse é o cavalheiro e herói de quem estou noiva.

HOMEM – (*Reconhecendo Sergius com um choque.*) Mil perdões. Não devia ter me deixado falar tanto. (*Olha o retrato novamente.*) Não há dúvida: é o Dom Quixote. (*Começa a rir.*)

RAÍNA – Por que está rindo?

HOMEM – (*Prendendo o riso.*) Eu não estou rindo. Mas quando eu lembro do Dom Quixote avançando...

RAÍNA – Devolva meu retrato, senhor.

HOMEM – Claro. Desculpe-me. (*Ela entrega o retrato. Ela beija o retrato e olha diretamente para o rosto do*

homem enquanto o coloca de volta na cômoda. Ele a segue desculpando-se.)

HOMEM – Bem, talvez eu esteja enganado, claro que estou enganado. Provavelmente ele descobriu nosso problema com a munição e sabia que a carga da cavalaria era uma ação segura.

RAÍNA – Agora o senhor quer dizer que meu noivo é um farsante e covarde!

HOMEM – Não adianta, minha cara senhorita. Eu não vou conseguir fazê-la ver as coisas pelo lado profissional. (Mais tiros são ouvidos. Ele apura o ouvido para ouvi-los.)

RAÍNA – Melhor pra você.

HOMEM – Como assim?

RAÍNA – Você é meu inimigo e está nas minhas mãos. O que eu deveria fazer se encarasse as coisas pelo lado profissional?

HOMEM – É verdade, você está certa. Eu reconheço que você tem sido boa para mim. Até a hora de minha morte lembrarei daqueles bombons maravilhosos. A senhorita não foi profissional, mas foi angelical.

RAÍNA – Obrigada. Só que agora sou obrigada a fazer uma coisa profissional. Depois de tudo que disse sobre meu noivo você não pode mais ficar aqui. Eu vou até a sacada ver se está tudo bem para você descer de voltar pelo encanamento. (Se volta para a janela.)

HOMEM – Pelo encanamento! De jeito nenhum! Eu não vou conseguir. Eu só subi porque a morte vinha atrás de mim. Mas encarar o encanamento as-

sim, a sangue frio! (Se largando na otoniana.) Não adianta mais. Eu desisto. Pode dar o alarme. (Afunda a cabeça entre as mãos.) (Raína, fala quase maternalmente enquanto ele balança a cabeça negativamente.)

RAÍNA – Coitado do meu soldadinho de chocolate. Vamos lá, ânimo! É mais fácil encarar o encanamento do que a captura.

HOMEM – (Sonhador.) Não, a captura significa a morte e a morte é um descanso. Um eterno descanso. Descer o encanamento significa ter que agir, pensar, correr. Prefiro dez vezes a morte.

RAÍNA – Você está tão cansado assim?

HOMEM – Desde que me alistei que eu não durmo duas horas seguidas. Faz mais de quarenta e oito horas que não fecho os olhos.

RAÍNA – Mas o que eu vou fazer com você dentro do meu quarto?

HOMEM – Você tem razão, eu tenho que tomar uma atitude. Bom, aquele encanamento deve ser escalado, (Batendo no próprio peito.) ouviu, soldadinho de chocolate? (Vai para a janela.)

RAÍNA – Mas e se você cair?

HOMEM – Fico lá dormindo como se o chão fosse uma cama de plumas. Adeus. (Quando ele vai abrir a janela há um tiroteio lá embaixo. Raína corre até ele e o segura.)

RAÍNA – Não! Eles vão te matar.

HOMEM – Não faz mal. Morrer faz parte do meu trabalho. (Decidido.) Apa-

gue essa vela pra que eles não vejam luz quando eu abrir a janela. E fique longe daqui. Se eles me virem vão atirar.

RAÍNA – Eles vão te ver. A noite está muito clara lá fora. Eu vou salvá-lo. Como você pode ser tão indiferente? Você quer que eu o salve?

HOMEM – Na verdade não quero incomodar. (Raína balança a cabeça impacientemente.)

HOMEM – Eu não sou indiferente, senhorita. Mas o que podemos fazer?

RAÍNA – Fica longe dessa janela. (Ela o afasta da janela até o meio do quarto, mas mecanicamente ele volta para lá. Ela o afasta novamente.)

RAÍNA – Por favor! (Ele fica imóvel, como se o cansaço o tivesse vencido.)

RAÍNA – Agora escuta: Você deve confiar na nossa hospitalidade. Eu sou uma Petkoff.

HOMEM – Pé de quem?

RAÍNA – Eu disse que pertencço à família dos Petkoff, a mais rica e famosa família de nosso país.

HOMEM – Ah sim, claro. Mil desculpas. Os Petkoff's, claro, que estupidez a minha.

RAÍNA – Deixa de ser cínico. Você nunca ouviu falar nesse nome antes.

HOMEM – Mil perdões, mas eu estou cansado demais para pensar. A mudança de assunto foi rápida demais pra mim. Não me censure, por favor.

RAÍNA – Claro, você pode começar a chorar. (Ele concorda com a cabeça.)

RAÍNA – Meu pai é o oficial de mais alta patente em toda Bulgária. (*Orgulhosa.*) Ele é major!

HOMEM – (*Irônico, fingindo estar muito impressionado.*) Um major! Puxa vida! Deus o abençoe. Quem diria, um major.

RAÍNA – Você foi um ignorante ao pensar que pra subir até aqui era necessário escalar o encanamento. Nós temos uma escada dentro de casa que usamos para subir e descer.

HOMEM – Uma escada! Genial! Você vivem em grande luxo por aqui, senhorita!

RAÍNA – Você sabe o que é uma biblioteca?

HOMEM – Uma sala cheia de livros?

RAÍNA – Sim, e nós temos uma também, a única biblioteca de toda a Bulgária.

HOMEM – (*Irônico.*) Realmente, uma biblioteca! É tudo o que eu preciso agora.

RAÍNA – (*De modo afetado.*) Eu digo essas coisas apenas para mostrar que você não está na casa de ignorantes camponeses que iriam matá-lo quando vissem seu uniforme sérvio, mas sim na casa de pessoas civilizadas. Todo ano nós assistimos a temporada de ópera em Bucareste. E eu já passei um mês inteiro em Viena.

HOMEM – Logo de cara eu percebi que a senhorita era uma moça muito viajada.

RAÍNA – Viajada e educada. E a boa educação manda receber bem os hóspedes.

HOMEM – O que a senhorita quer dizer com isso?

RAÍNA – Que se em vez de me ameaçar com um revólver você simplesmente tivesse me pedido abrigo, teria ficado seguro como se estivesse na casa de seu pai.

HOMEM – (*Irônico.*) É mesmo?

RAÍNA – (*Dando-lhe as costas com desgosto.*) É inútil tentar fazer o senhor entender, não é?

HOMEM – Não fique zangada, mas eu não podia correr riscos. Imagina o que aconteceria comigo se você não fosse tão hospitaleira assim? Meu pai, por exemplo, é um homem muito hospitaleiro: ele tem seis hotéis. Mas eu não confiaria muito nele. E o seu pai?

RAÍNA – Ele está em Slivnitza lutando por nosso país. Eu garanto sua segurança. Aqui está minha mão como prova. (*Estende a mão.*) Fica mais tranqüilo agora?

HOMEM – (*Olhando com dúvida para suas próprias mãos.*) É melhor não apertar minha mão agora, senhorita. Eu preciso lavá-las antes.

RAÍNA – É muito gentil de sua parte. Vejo que é um cavalheiro.

HOMEM – Ah?!

RAÍNA – Os búlgaros de nossa posição também lavam as mãos quase todos os dias. Aprecio sua delicadeza,

mas você pode pegar minha mão. (*Oferece a mão novamente.*)

HOMEM – (*Beijando a mão de Raína com suas mãos às costas.*) Obrigada, graciosa senhorita. Me sinto finalmente seguro. E agora a senhorita se importaria de contar as novidades à sua mãe? Não gostaria de ficar escondido no seu quarto mais tempo do que o necessário.

RAÍNA – Se você fizer o favor de ficar em completo silêncio enquanto eu estiver fora.

HOMEM – Com certeza. (*Senta na otomana.*) (*Raína veste o roupão. Os olhos dele se fecham. Ela vai saindo, dá uma última olhada e vê que ele está começando a cair no sono.*)

RAÍNA – Você não vai cair no sono, vai? (*Ele murmura palavras ininteligíveis. Ela volta e o chacoalha.*)

RAÍNA – Você ouviu? Acorda! Você está dormindo!

HOMEM – Dormindo? Não, eu só estava pensando. Está tudo bem. Eu estou completamente acordado.

RAÍNA – Por favor, fique em pé enquanto vou lá embaixo. (*Ele levanta relutante.*)

RAÍNA – Não vai dormir, hei?

HOMEM – Claro, pode contar comigo. (*Raína olha desconfiada para ele e sai.*)

HOMEM – (*Tonto de sono.*) Dormir, dormir, dormir dor... (*Quando está para cair no sono tem um sobressalto.*)

Onde estou? Preciso ficar acordado. Só o perigo me mantém acordado. Perigo,

perigo, peri... (*Vai apagar e novo sobressalto.*) Onde está o perigo, preciso achar o perigo. (*Vagueia pelo quarto.*) O que eu estou procurando? Dormir, perigo, eu não sei... (*Tropeça na cama.*) Ah sim, agora eu lembrei, eu vou pra cama mas não vou dormir, não vou dormir por causa do perigo. Não, deitar não, só sentar na cama. (*Senta na cama.*) Ah. (*Acaba deitando e dorme imediatamente.*)

(*Entra Catarina seguida por Raína.*)

RAÍNA – (*Olhando para a otomana.*) Ele se foi. Eu o deixei aqui.

CATARINA – Então ele deve ter des-cido pelo encanamento.

RAÍNA – Oh! (*Vendo-o na cama e apontando para ele.*)

CATARINA – Que vergonha! (*As duas se aproximam e ficam cada uma de uma lado da cama.*)

CATARINA – Caiu no sono, o mal educado!

RAÍNA – Sshhh!

CATARINA – Senhor! Senhor! Senhor! (*Sacudindo-o cada vez com mais força.*)

RAÍNA – Por favor, mamãe, o coitadinho está morto de cansaço. Deixa ele dormir. (*Segurando a mãe.*)

CATARINA – Coitadinho! Raína! (*Largando-o e olhando indignada para Raína.*)

(*Catarina olha severamente para a filha. O homem dorme profundamente.*)

SEGUNDO ATO

(*6 de março de 1886. Jardim da casa dos Petkoff. O jardim está fresco e bonito. Ao fundo, um vale com torres indicando uma pequena cidade e, mais atrás, os Balcãs. O acesso do jardim para a casa é feito por uma lance de escadas. Algumas peças de roupas se-cam sobre pequenos arbustos. À direita, a cocheira. No centro do jardim uma mesa onde um café da manhã acabou de ser tomado. Liuka fuma um cigarro des-denhando Nicola que a censura. Ele veste um traje búlgaro.*)

NICOLA – Você precisa controlar o seu gênio, Liuka. Eu conheço a patroa. Ela se acha tão importante que só de pensar que você pode desafiá-la, te manda pro olho da rua.

LIUKA – Eu desafio quem eu quiser. Não tô nem ligando pra ela.

NICOLA – É, mas se você brigar com a família eu não vou poder casar com você. Brigar com a família é a mesma coisa que brigar comigo.

LIUKA – E você ainda fica do lado deles?!

NICOLA – Eu sempre vou depender deles. Quando sair daqui e abrir minha loja em Sofia, uma palavra negativa deles e babaus, eu vou à falência.

LIUKA – Você não tem aquilo roxo! Eu quero ver falarem alguma coisa de mim!

NICOLA – Eu esperava mais juízo de você, Liuka, mas tô vendo que você é muito jovem pra isso.

LIUKA – E é exatamente por ser jovem que você gosta de mim. Pois sendo jovem ou não, eu sei todos os podres deles. Eles que ousem brigar comigo!

NICOLA – Sabe o que eles fariam se te vissem falando assim?

LIUKA – O que eles poderiam fazer?

NICOLA – Te botam no olho da rua na hora. Quem ia acreditar nas histórias que você conta? Quem ia te dar outro emprego? Quanto tempo iam deixar o seu pai vivendo lá na fazenda?

(*Liuka joga fora o cigarro.*)

NICOLA – Você não sabe a força que os ricos têm sobre os pobres. Principalmente sobre esses que ficam querendo ser como eles. (*Se aproxima dela, com voz delicada.*) Olha pra mim: há dez anos que trabalho para eles. Você acha que eu também não sei todos os podres deles? Eu sei coisas que a patroa daria mais de mil *levas* para que o patrão não soubesse. Eu sei coisas sobre Raína que fariam seu noivado com Sergius ir por água abaixo.

LIUKA – Como é que você sabe? Eu não falei nada pra você.

NICOLA – Então é esse o segredo? Bem que imaginei que devia ser alguma coisa por aí. Se eu fosse você, agiria com mais respeito e ganharia a confiança dela. É isso o que eles querem e é

dessa maneira que você consegue arrancar o máximo deles.

LIUKA – Você tem alma de empregado, Nicola!

NICOLA – Tenho. Esse é o segredo do sucesso na nossa profissão. (*Ouve-se alguém batendo na porta do estábulo.*)

VOZ DE PETKOFF – Alô! Tem alguém aí? Nicola, cadê você?

LIUKA – É o patrão voltando da guerra!

NICOLA – É, infelizmente a guerra acabou. Se eu fosse você ia logo buscar café fresco pra ele. (*Ele sai para abrir a porta para Petkoff.*)

LIUKA – Você nunca vai colocar sua alma de empregado em mim. (*Limpendo a mesa, colocando pratos e talheres numa bandeja e entrando na casa.*)

(*Entra Petkoff com um chicote na mão, feliz por voltar para casa, seguido de Nicola.*)

PETKOFF – Café da manhã no jardim, hein?

NICOLA – Sim senhor. A patroa e a senhorita Raína acabaram de entrar.

PETKOFF – Então vai lá dentro chamar todo mundo e aproveita e me traz um café. (*Sentando e pegando um pãozinho.*)

NICOLA – Já está vindo, senhor. (*Ele entra na casa e Liuka chega com café fresco, uma xícara limpa e uma garrafa de conhaque.*)

NICOLA – (*Para Liuka.*) Já avisou à patroa?

LIUKA – Avisei. Ela já vem.

PETKOFF – Pelo que vejo os sérvios não levaram você com eles, hem, Liuka!

LIUKA – Não senhor.

PETKOFF – Ótimo. Trouxe o conhaque?

LIUKA – Aqui está. (*Colocando a garrafa na mesa.*)

PETKOFF – Muito bem. (*Enche a xícara de café com conhaque.*)

(*Entra Catarina vestindo um avental búlgaro por cima de um vestido velho, um lenço amarrado na cabeça e sandálias sem meia. Apesar do traje, se porta como se estivesse tremendamente atraente e majestosa. Liuka entra para a casa.*)

CATARINA – Paul, querido! Que surpresa. (*Vai até ele e o beija por trás de sua cadeira.*) Já trouxeram café fresco pra você?

PETKOFF – Já. Liuka está cuidando bem de mim. Querida, a guerra acabou. O tratado de paz foi assinado há três dias em Bucareste. O decreto para que nosso exército seja desmobilizado saiu ontem.

CATARINA – (*Indignada.*) Paul, você deixou que os austríacos te forçassem a aceitar a paz?

PETKOFF – Querida, eles não me consultaram. O que eu podia fazer? Mas fizemos um honoroso tratado de paz...

CATARINA – (*Cortando, ultrajada.*) Paz!

PETKOFF – ... mas sem relações cordiais. Eles queriam incluir relações cordiais no tratado mas eu fiz questão

de não deixar. O que mais eu podia fazer?

CATARINA – Se fosse comigo eu anexava a Sérvia e fazia o Príncipe Alexandre imperador dos Balcãs.

PETKOFF – Não duvido, querida. Mas antes eu teria que subjugar todo o império austríaco. E para fazer isso teria de ficar longe de você por muito mais tempo. Eu estava morrendo de saudades.

CATARINA – Oh! (*Enternecida, esticando a mão até ele.*)

PETKOFF – Como é que você passou este tempo todo?

CATARINA – Com as minhas dores de garganta, como sempre.

PETKOFF – Isso é por causa dessa sua mania de lavar o pescoço todo dia. Eu já te avisei que isso não faz bem.

CATARINA – Besteira, Paul.

PETKOFF – (*Entre goles de café e baforadas de cigarro.*) Eu acho que nunca vou me acostumar com esses costumes modernos. Essa lavação toda não faz bem pra saúde. Não é natural. Tinha um inglês em Filipópolis que tomava banho frio toda dia. Que coisa mais desagradável. Mas o sujeito sendo inglês, a gente entende: o clima deles é tão sujo que eles têm de tomar banho todo dia. Mas nós, búlgaros, não precisamos disso. Meu pai, por exemplo: nunca tomou um banho na vida e viveu até os 98 anos. Foi o homem mais saudável de toda a Bulgária. Eu não me importo com um bom banho uma vez por semana só

pra manter as aparências. Mas todo dia é ridículo!

CATARINA – Você ainda é um perfeito bárbaro, Paul. Espero que tenha se comportado na frente de todos aqueles oficiais russos.

PETKOFF – Fiz o melhor que pude. E fiz questão de que soubessem que nós temos uma... (*Sempre que falar 'biblioteca' dará um tom orgulhoso à palavra.*) biblioteca em casa.

CATARINA – E você falou que nós também temos uma campanha elétrica?

PETKOFF – Campanha elétrica? O que é isso?

CATARINA – A gente aperta um botão aqui, a campanha toca lá na cozinha e Nicola aparece.

PETKOFF – Não é melhor gritar?

CATARINA – Gente civilizada não grita pelos criados, Paul. Aprendi isso enquanto você estava fora.

PETKOFF – (*Indicando as roupas que secam sobre os arbustos.*) Pois eu também aprendi uma coisa quando estava fora: pessoas civilizadas não põem suas roupas para secar onde as visitas podem ver.

CATARINA – Que absurdo, Paul. Eu não acredito que pessoas finas vão reparar nessas coisas.

SERGIUS – (*Batendo na porta.*) Nicola! Abre a porta pra mim.

PETKOFF – É Sergius! (*Berrando.*) Nicola!

CATARINA – Não grita, Paul, não é educado.

PETKOFF – Bobagem. (*Gritando ainda mais alto.*) Nicola!

NICOLA – (*Aparecendo na porta da casa.*) Sim senhor?

PETKOFF – Ficou surdo? Não ouviu o major Sarahnoff? Abre a porta para ele.

NICOLA – Sim, major. (*Vai abrir a porta para Sergius.*)

PETKOFF – Você podia conversar com Sergius antes que Raína o seqüestrasse. Ele está me enchendo o saco porque não o promovemos. E de preferência converse longe de mim.

CATARINA – Ele devia ser promovido, Paul. Principalmente depois de casar com Raína. Além do mais, a Bulgária deveria ter pelo menos um general búlgaro.

PETKOFF – Claro, pra ele arriscar a vida de brigadas inteiras em vez de apenas regimentos de cavalaria! Não adianta, querida. Enquanto houver possibilidade de guerra ele não tem a menor chance de ser promovido.

NICOLA – (*Anunciando da porta.*) O major Sergius Sarahnoff.

(*Sergius entra. Nicola entra na casa e volta com uma cadeira. Catarina o recebe com entusiasmo, o mesmo não acontecendo com Petkoff.*)

PETKOFF – Prazer em vê-lo, Sergius.

CATARINA – Meu querido Sergius! (*Segura as duas mãos dele.*)

SERGIUS – Minha querida mamãe, se permite a intimidade. (*Beija as mãos de Catarina com elegância.*)

PETKOFF – (*Seco.*) Sogra, Sergius, sogra. Vamos sentando, aceita um café?

SERGIUS – Não obrigado. (*Se afasta com um pouco de repugnância de Petkoff e seu café e fica no pé da escada que leva para a casa.*)

CATARINA – Você está com aspecto soberbo. A guerra fez muito bem pra você. Todos nós ficamos loucos de entusiasmo quando soubemos da sua magnífica carga da cavalaria.

SERGIUS – Madame, aquela carga da cavalaria foi o início e o fim de minha carreira militar.

CATARINA – Como é que é?

SERGIUS – Eu ganhei a batalha do jeito errado enquanto nossos dignos oficiais russos a estavam perdendo da maneira certa. Pra resumir, eu atralhei seus planos, feri a auto-estima deles. Eu soube que dois coronéis cossacos e seus regimentos foram obrigados a bater em retirada de acordo com os mais rígidos princípios científicos da guerra. Os dois foram promovidos a major-general e eu continuo um simples major.

CATARINA – Você não devia falar assim, Sergius. Nós mulheres estamos do seu lado. Em breve a justiça será feita.

SERGIUS – Agora é tarde demais. Eu só estava esperando o fim da guerra para pedir baixa do exército.

PETKOFF – Baixa?! (*Cuspindo café, assustado.*)

CATARINA – Você deve voltar atrás, Sergius!

SERGIUS – Eu nunca volto atrás, madame!

PETKOFF – Quem podia imaginar que você ia fazer uma coisa dessas?

SERGIUS – Todos que me conhecem. Mas vamos mudar de assunto. E Raína, onde está?

RAÍNA – (*Aparecendo subitamente e fazendo pose no alto da escada que leva à casa*). Raína está aqui! (*Ela está vestida de maneira búlgara e elegante, com um gorro dourado na cabeça. Sergius imediatamente vai até ela, que lhe estende a mão. Ele se ajoelha e a beija.*)

PETKOFF – (*À parte, para Catarina, pai coruja.*) Não é bonito? Ela sempre aparece na hora certa.

CATARINA – (*Impaciente*). Ela fica escutando por trás das portas! Um hábito horrível! Estou cansada de falar, mas não adianta!

(*Sergius conduz Raína até a mesa. Ela agradece com um aceno de cabeça e vai até o pai.*)

RAÍNA – (*Beijando-o.*) Papai querido! Bem-vindo ao lar!

PETKOFF – (*Acariciando suas bochechas e beijando-a.*) Minha garotinha! (*Raína vai se sentar na cadeira de Sergius.*)

CATARINA – Então você não é mais soldado, Sergius?

SERGIUS – Não. A arte bélica é mais arte covarde que consiste em atacar impiedosamente quando se é forte e evitar o conflito quando se é fraco. Esse é o segredo do sucesso na guerra:

pegue seu inimigo em desvantagem e nunca, em hipótese alguma, lute em igualdade de condições.

PETKOFF – Não há justiça na guerra, isso lá é verdade. A guerra é um negócio como outro qualquer.

SERGIUS – Exatamente. Mas eu tenho ambições de ser um bem sucedido homem de negócios. Por isso resolvi seguir os conselhos daquele capitão safado que negociou conosco a troca de prisioneiros em Pirot e desisti.

PETKOFF – O quê? O suíço? Aquele capitão enganou a gente com aqueles cavalos.

SERGIUS – Claro que nos enganou. Ele sabia tudo sobre cavalos. Aquilo sim é que era um verdadeiro soldado. Soldado da cabeça aos pés. Se eu só comprasse cavalos em vez de liderar cargas de cavalaria já seria marechal de campo.

CATARINA – Um suíço? O que ele estava fazendo no exército sérvio?

PETKOFF – Era um voluntário, claro. O melhor que já vi na profissão. Nós não teríamos condições de começar uma guerra se esses estrangeiros não nos ensinassem. Não sabíamos nada sobre a guerra. Nem os sérvios. Sem eles não teria havido guerra.

RAÍNA – Existem muitos oficiais suíços no exército sérvio?

PETKOFF – Não, são todos austríacos, assim como todos os nossos oficiais são russos. Esse era o único. Nunca mais confiarei num suíço. Ele nos fez darmos

50 homens robustos por duzentas mulas de carga que não serviam nem para fazer salsicha búlgara.

SERGIUS – Parecíamos duas crianças nas mãos de um experiente soldado.

RAÍNA – Como ele era?

CATARINA – Ora, Raína, que pergunta boba!

PETKOFF – (*Rindo.*) Sergius, conta para Catarina aquela história esquisita que um amigo dele nos contou sobre como ele escapou de Slivnitza. Você sabe, aquela, que ele foi escondido por duas mulheres búlgaras.

SERGIUS – (*Irônico.*) Ah, foi quase um romance. Ele estava na bateria sérvia que eu tão amadoristicamente ataquei. Para escapar de nossos sabres ele escalou o encanamento de uma casa e foi se esconder no quarto de uma jovem búlgara. A jovem, encantada com suas maneiras persuasivas, o entreteve durante uma hora ou mais e depois chamou a mãe para que sua conduta parecesse honrada. A velha senhora também ficou encantada e permitiu que o suíço fosse embora somente no dia seguinte e ainda lhe ofereceu um velho sobretudo que pertencia ao dono da casa, que estava na guerra.

RAÍNA – (*Irada.*) A guerra fez de você um grosso, Sergius. Eu nunca poderia imaginar que você teria coragem de contar semelhante história na minha frente! (*Dá as costas friamente.*)

CATARINA – (*Se levantando indignada.*) Ela tem razão, Sergius. Se esse

tipo de mulher búlgara existe, nós preferíamos não saber.

PETKOFF – Besteira! O que isso tem de mais?

SERGIUS – (*Envergonhado.*) Não, eu errei. (*Para Raína, humilde.*) Mil perdões, querida. Eu me comportei de maneira abominável. (*Se curva educadamente. Depois, para Catarina*) E a senhora também, madame, mil perdões. (*Catarina acena com a cabeça e se senta novamente. Sergius continua, solene, para Raína.*)

SERGIUS – As coisas horríveis que vi nestes últimos meses me transformaram num cínico. Mas eu não devia trazer esse cinismo para cá, especialmente em sua presença, Raína. Aproveitando a ocasião gostaria de dizer também...

PETKOFF – (*Cortando Sergius, ao perceber que ele vai iniciar um discurso pé no saco.*) Bobagem, Sergius. Essas duas estão fazendo uma tempestade num copo d'água. A filha de um soldado deve ser capaz de ouvir conversas pesadas. (*Se levanta.*) Bom, está na hora de trabalhar. Nós temos que resolver como vamos mandar aqueles 3 regimentos de volta a Filipópolis: não existe forragem para os animais no caminho. (*Vai andando para a casa.*) Vamos lá. (*Sergius vai segui-lo, mas Catarina intervém.*)

CATARINA – Ora, Paul, você não pode roubar Sergius por alguns minutos? Raína ainda nem teve tempo de conversar direito com ele. Talvez eu possa ajudar no negócio dos regimentos.

SERGIUS – Impossível, madame, a senhora...

CATARINA – (*Cortando, brincalhona.*) Você fica aqui, meu caro Sergius. Eu tenho umas palavrinhas para trocar com Paul. (*Tomando o braço do marido.*) Vamos ver a campanha elétrica, Paul?

PETKOFF – Ah, muito bom! Muito bom mesmo! (*Eles entram na casa. Sergius está ansioso, achando que Raína ainda está zangada com ele. Mas ela sorri e lhe estende os braços.*)

SERGIUS – Me perdoa?

RAÍNA – (*Colocando suas mãos nos ombros de Sergius com admiração e adoração.*) Meu herói! Meu rei!

SERGIUS – Minha rainha! (*Beija sua testa.*)

RAÍNA – Como eu invejei você, Sergius. Você lá fora, nos campos de batalha, mostrando ser digno de qualquer mulher no mundo. E eu aqui, trancada, sonhando inutilmente, sem nada para fazer me sentir digna de um homem.

SERGIUS – Querida, tudo o que fiz é seu também. Você me inspirou. Atravessei essa guerra como um cavaleiro num torneio assistido por sua dama.

RAÍNA – Você não saiu de meus pensamentos um minuto. (*Solene.*) Sergius, eu acho que nós atingimos o amor supremo. Quando penso em você, eu sinto que seria incapaz de uma ação vil ou um pensamento ignóbil.

SERGIUS – Minha dama e minha santa! (*Abraça-a respeitosamente.*)

RAÍNA – Meu senhor e meu...

SERGIUS – Sshhh. Deixe-me adorá-la, querida. Nenhum homem é digno da paixão de uma jovem pura como você.

RAÍNA – Eu te amo e tenho certeza de que nunca vai me desapontar. (*Ouve-se a voz de Liuka cantando dentro da casa e se aproximando. Eles se separam rapidamente.*)

RAÍNA – Eu não consigo fingir indiferença na frente dos outros. Meu coração está transbordando. (*Liuka aparece com sua bandeja. Vai até a mesa e começa a limpar, de costas para eles.*)

RAÍNA – Eu vou buscar meu chapéu e vamos passear até a hora do almoço. Você quer?

SERGIUS – Quero. Mas não demora. Cinco minutos sem você me parecem 5 horas. (*Raína sobe os degraus e, do alto da escada, se volta. Os dois se olham, mandando beijos um para o outro. Ela sai. Ao se virar, Sergius dá de cara com a bunda maravilhosa de Liuka que se esmera em limpar a mesa. Ele cofia os bigodes de maneira cafajeste e vai para o outro lado da mesa.*)

SERGIUS – Liuka, você sabe o que é o amor?

LIUKA – Não senhor.

SERGIUS – É a coisa mais chata do mundo. Principalmente quando se arrasta por anos. (*Insinuante.*) Sabe, nós

homens precisamos de um fresco de vez em quando.

LIUKA – (*Inocente.*) O senhor quer que eu lhe prepare uma limonada?

SERGIUS – (*Pegando a mão dela.*) Você não entendeu.

LIUKA – (*Tentando tirar a mão.*) Senhor, o que é isso? Estou supressa.

SERGIUS – (*Puxando-a para si.*) Eu também, Liuka. O que Sergius, o herói de Slivnitza, diria se me visse agora? O que diria Sergius, o apóstolo do amor supremo, se me visse agora? O que diriam essa meia dúzia de Sergius que ficam pipocando o tempo todo na minha cabeça se nos vissem agora? (*Enlaçando sua cintura.*) Você me acha simpático, Liuka?

LIUKA – Deixe-me ir. O senhor vai me desgraçar. (*Tenta se libertar mas não consegue.*) Quer me largar?

SERGIUS – (*Olhando fundo em seus olhos.*) Não!

LIUKA – Então pelo menos vamos ali pro canto onde ninguém nos veja. O senhor não tem juízo?

SERGIUS – Ah, até que enfim uma frase razoável. (*Ele a leva até um canto onde não podem ser vistos da casa.*)

LIUKA – Ainda podem me ver da janela. A senhorita Raína deve estar espionando o senhor.

SERGIUS – (*Irritado, soltando Liuka*) Cuidado, Liuka. Eu sou indigno do amor supremo, mas não admito que você o insulte.

LIUKA – (*Com medo.*) De maneira alguma, senhor. Longe de mim. Posso continuar com meu trabalho agora?

SERGIUS – (*Abraçando-a novamente.*) Você é uma feiticeira deliciosa, Liuka. Se estivesse apaixonada por mim, me espionaria pelas janelas?

LIUKA – Ia dar muito trabalho espionar essa meia dúzia de Sergius que vivem dentro do senhor.

SERGIUS – Além de deliciosa, engraçada. (*Tenta beijá-la.*)

LIUKA – (*Fugindo do beijo dele.*) Eu não quero seus beijos. Vocês ricos são todos iguais. O senhor traindo a senhorita Raína comigo debaixo do nariz dela e ela fazendo o mesmo com o senhor.

SERGIUS – (*Dando um passo pra trás.*) Liuka!

LIUKA – Vocês não ligam pra nada mesmo!

SERGIUS – (*Acabando com a familiaridade e numa voz fria e polida.*) Se você pretende continuar nossa conversa, deve saber que um cavalheiro nunca discute o comportamento da dama com quem está comprometido com uma criada.

LIUKA – É muito difícil saber o que um cavalheiro considera certo ou errado. Isso não é frescura demais para um homem que agorinha mesmo queria me beijar?

SERGIUS – (*Se afastando dela e levando a mão à testa.*) Diabo! Diabo!

LIUKA – Ha! Ha! Ha! Embora eu seja apenas uma empregada, tenho cer-

teza de que um dos Sergius que moram dentro do senhor é igualzinho a mim. (*Continua seu trabalho, esquecendo de Sergius.*)

SERGIUS – (*Falando para si.*) Qual dos seis é o verdadeiro? É isso que me atormenta. Um é um herói, outro um bufão, outro um trapaceiro, (*Dá uma pausa e olha furtivamente para Liuka, com amargura.*) E pelo menos um deles é covarde. Ciumento como todos os covardes (*Vai até Liuka.*) Liuka.

LIUKA – Sim?

SERGIUS – Com quem Raína está me traindo?

LIUKA – Nem por amor nem por dinheiro eu diria pro senhor.

SERGIUS – Por quê?

LIUKA – Porque não. Se eu falar, o senhor conta pra ela e eu acabo despedida.

SERGIUS – Não! Dou minha palavra de ... palavra de um cavalheiro capaz de se comportar do modo como me comortei nos últimos 5 minutos. Quem é ele?

LIUKA – Eu não sei, nunca o vi. Só ouvi a voz dele por trás da porta do quarto.

SERGIUS – Desgraçada! Como é que teve coragem de ficar ouvindo por detrás das portas?

LIUKA – Foi por acaso. A patroa sabe disso. E tenho certeza que se aquele senhor algum dia voltar, a senhorita Raína vai casar com ele. Eu sei a diferença entre o comportamento que o se-

nhor e ela têm quando estão juntos e quando estão separados. (*Sergius estremece. Irritado vai até ela e a segura pelos braços com as duas mãos.*)

SERGIUS – Agora você vai me ouvir!

LIUKA – Ai! O senhor está me machucando!

SERGIUS – Não interessa. Você manchou minha honra e me fez cúmplice de sua bisbilhotice. E traiu sua patroa.

LIUKA – Por favor!

SERGIUS – Isso mostra que você não passa de uma bonequinha de lama com alma de empregada. (*Ele a solta como se estivesse segurando uma coisa suja. Limpa as mãos e se afasta, sentando numa cadeira longe dela.*)

LIUKA – (*Arregaçando as mangas e reclamando de dor nos braços.*) O senhor sabe machucar com as mãos e com as palavras. Mas não importa, estou vendo que o senhor é feito da mesma lama que eu. E a senhorita Raína não passa de uma mentirosa e trapaceira. Eu valho seis dela. (*Liuka sacode a cabeça e volta a arrumar a mesa, colocando as coisas na bandeja. Quando vai sair ele se levanta.*)

SERGIUS – Liuka! (*Ela pára e olha desafiadoramente para ele.*)

SERGIUS – Um cavalheiro não tem o direito de machucar uma dama por motivo nenhum. Eu peço perdão.

LIUKA – Perdão só serve para damas. De que adianta para uma criada?

SERGIUS – (*Dá uma gargalhada.*) Ah, você quer ser paga pelo que lhe fiz! Está bem. (*Põe a mão no bolso para tirar algum dinheiro.*)

LIUKA – (*Com os olhos cheios d'água.*) Eu não quero seu dinheiro. (*Suspende as mangas novamente e mostra o braço dolorido.*) Beija. (*Ele se anima, vai beijar, mas na hora h volta atrás.*)

SERGIUS – Eu nunca beijo um machucado! (*Ela não diz nada. Abaixa as mangas dignamente, pega sua bandeja e vai saindo. No caminho encontra Raína que vem entrando vestida com chapéu e uma jaqueta fora de moda. Liuka abre caminho para ela respeitosamente e entra na casa.*)

RAÍNA – Estou pronta. Algum problema? (*Alegremente.*) Você não esteve flertando com Liuka, esteve?

SERGIUS – Não, claro que não. Como é que você pode pensar uma coisa dessas?

RAÍNA – Eu estou só brincando, querido. Desculpa. É que me sinto tão feliz hoje! (*Ele vai até ela e beija suas mãos com remorso. Catarina aparece no topo da escada e vem descendo.*)

CATARINA – Desculpe interromper vocês dois, mas Paul está ficando louco por causa daqueles regimentos e não quer nenhuma das minhas sugestões. Acho melhor você ajudá-lo, Sergius, ele está na biblioteca.

RAÍNA – Mas nós estávamos saindo para dar um passeio.

SERGIUS – Eu não demoro, querida. Só 5 minutos. (*Sobe as escadas rapidamente.*)

RAÍNA – Eu vou dar uma volta e ficar bem à vista da janela da biblioteca. Se demorar mais de 5 minutos chame a atenção de papai que eu entro e arranco você de lá de dentro, com regimento ou sem regimento.

SERGIUS – (*Rindo.*) Está bem. (*Entra para a casa.*) (*Raína relaxa e fica andando de um lado para o outro no jardim.*)

CATARINA – Que coincidência encontrarem o suíço! A primeira coisa que seu pai pediu quando chegou em casa foi o casaco que demos para ele. Que confusão em que você foi nos meter, Raína!

RAÍNA – Aquela besta daquele suíço, foi contar pra todo mundo a história. Se ele estivesse aqui eu ia encher a boca dele de chocolate até ele morrer engasgado!

CATARINA – Me diga a verdade, Raína: quanto tempo ele ficou no seu quarto antes de você me chamar?

RAÍNA – (*dando a volta e andando na direção oposta de Catarina.*) Não me lembro.

CATARINA – Como não se lembra?! Ele subiu depois que os soldados saíram ou já estava lá quando o oficial foi procurar por ele?

RAÍNA – Não. Sim. Eu acho que ele devia estar lá antes.

CATARINA – Você acha! Oh, Raína, Raína. Será que você nunca vai tomar juízo na vida? Se Sergius descobrir está tudo terminado entre vocês.

RAÍNA – Eu sei que Sergius é o queridinho do seu coração. Às vezes eu acho que é você quem quer casar com ele.

CATARINA – Que idéia!

RAÍNA – Eu sempre tive vontade de dizer alguma coisa para Sergius que o chocasse totalmente. Uma coisa bem grossa. Eu não me importo que ele descubra sobre o soldadinho de chocolate. Eu acho até que seria bom ele descobrir.

CATARINA – É? E o que eu digo pro seu pai?

RAÍNA – (*Saindo de cena, irônica.*) Coitadinho do papai. Como se fizesse alguma diferença!

CATARINA – Ah, se você tivesse dez anos menos! (*Liuka, com uma bandeja redonda na mão, entra vindo da casa.*)

CATARINA – (*Irritada.*) O que foi agora?

LIUKA – Tem um cavalheiro querendo falar com a senhora. Um oficial sérvio.

CATARINA – Um sérvio! Como é que ele ousou... ah, eu esqueci que estamos em paz agora. Imagino que eles vão aparecer todo dia para nos cumprimentar. Bom, mas porque você não avisou Paul? Ele está na biblioteca com o major Sarahnoff.

LIUKA – Ele disse que queria falar com a senhora. “A dona da casa”, ele disse. Até me deu o seu cartão (*Tira o cartão do seio, põe na bandeja e o “serve” a Catarina.*)

CATARINA – (*Lendo o cartão.*) Capitão Bluntschili? É um nome alemão.

LIUKA – Suíço, madame.

CATARINA – (*Dando um pulo que assusta Liuka.*) Suíço! Como ele é?

LIUKA – Ele carrega uma valise e...

CATARINA – Ai meu Deus! Ele voltou para devolver o casaco. Manda ele embora. Diz que não tem ninguém em casa. Pede o endereço dele e diz que eu escrevo para ele. Não, isso não vai adiantar nada. Deixe eu pensar. (*Ela senta numa cadeira para pensar.*) O patrão e o major Sarahnoff estão ocupados na biblioteca, não estão?

LIUKA – Estão sim.

CATARINA – Então traga o cavalheiro aqui rapidamente. E seja muito educada com ele. Rápido, vai logo. (*Tirando a bandeja da mão dela.*) Deixe isso aqui e vai direto pra lá.

LIUKA – Sim, madame.

CATARINA – Liuka!

LIUKA – (*Voltando.*) Sim, madame.

CATARINA – A porta da biblioteca está fechada?

LIUKA – Eu acho que sim.

CATARINA – Se não estiver, feche quando passar por lá.

LIUKA – (*Saindo.*) Sim, madame.

CATARINA – Espera! (*Liuka pára.*)

CATARINA – Traga o homem por este caminho. (*Indica o lado da cocheira.*) Diga para Nicola trazer a valise dele. Não esqueça.

LIUKA – A valise?

CATARINA – É, o mais rápido possível. Anda rápido, Liuka! (*Liuka corre para a casa. Catarina tira o avental e o atira atrás de um arbusto. Ela usa a bandeja como espelho e se olha nela. Atira o lenço da cabeça no mesmo lugar que atirou o avental. Ajeita o cabelo e o vestido.*)

CATARINA – Como é que um homem pode ser tão idiota! Que hora que ele foi escolher! (*Liuka entra.*)

LIUKA – (*Anunciando.*) Capitão Bluntschli. (*Ele entra. Assim que Liuka sai, Catarina avança para ele.*)

CATARINA – Capitão Bluntschli, estou muito feliz em vê-lo, mas você deve partir imediatamente.

(*Ele se assusta.*)

CATARINA – Meu marido acabou de chegar da guerra com meu futuro genro. Se souberem que o senhor está aqui, as conseqüências podem ser terríveis. Você não é búlgaro, não pode entender as animosidades búlgaras como nós. Nós ainda odiamos os sérvios. A paz transformou meu marido num leão que teve sua presa arrancada dos dentes. Se ele descobrir nosso segredo, a vida de minha filha correrá perigo. O senhor, cavalheiro que é, poderia fazer a gentileza de partir imediatamente, antes que o vejam?

BLUNTSCHLI – Imediatamente, graciosa senhora. Eu só voltei para agradecer e devolver o casaco. Se a senhora me permitir pegá-lo em minha valise e deixar com seu empregado quando sair, não tomarei mais o seu tempo. (*Se vira para entrar na casa.*)

CATARINA – (*Segurando-o pela manga.*) Não, por aí não. (*Levando-o no caminho a cocheira.*) Por aqui é mais rápido. Muito obrigado. Fico feliz por ter podido ajudá-lo. Adeus.

BLUNTSCHLI – Mas e a minha valise?

CATARINA – Eu mandarei entregá-la mais tarde. Deixe seu endereço.

BLUNTSCHLI – Claro. Com licença. (*Ele pega um cartão e uma caneta e começa a escrever seu endereço, deixando Catarina impaciente. Quando ele lhe entrega o cartão, Petkoff aparece, sem chapéu e hospitaleiro, seguido por Sergius.*)

PETKOFF – Meu querido capitão Bluntschli!

CATARINA – Meu Deus! (*Afunda numa cadeira do canto.*)

PETKOFF – (*Apertando a mão de Bluntschli vigorosamente, sem perceber Catarina.*) Os idiotas dos meus criados acharam que eu estava aqui fora, mas eu estava na ... biblioteca. Eu o vi pela janela. Estava me perguntando porque você não entrou logo. Sarahnoff está aqui também. Lembra dele?

SERGIUS – (*Apertando sua mão calorosamente.*) Bem-vindo, nosso amigo inimigo.

PETKOFF – Agora somente amigo. Espero que não tenha vindo para negociar cavalos e prisioneiros.

CATARINA – É claro que não, Paul. Eu estava agora mesmo convidando-o para o almoço, mas o Capitão Bluntschli disse que precisava partir o mais rápido possível.

SERGIUS – Impossível, Bluntschli! Nós precisamos muito de você. Nós temos que mandar 3 regimentos de cavalaria para Filipópolis e não temos a menor idéia de como fazê-lo.

BLUNTSCHLI – Filipópolis? O problema deve ser a forragem dos animais, não é?

PETKOFF – Exatamente! (*Para Sergius.*) Ele pega tudo num minuto.

BLUNTSCHLI – Eu acho que posso mostrar o que devem fazer.

SERGIUS – Esse homem não tem valor! Venha conosco. (*Sergius passa o braço sobre o ombro de Bluntschli e o leva para dentro seguido por Petkoff. Raína vem descendo a escada quando Bluntschli pisa no primeiro degrau.*)

RAÍNA – Meu Deus, o soldadinho de chocolate! (*Bluntschli fica rígido. Sergius, estranhando, olha para Raína e depois para Petkoff, que olha de volta para ele e depois para sua esposa.*)

CATARINA – Minha querida Raína, nós temos convidados em casa. Capitão Bluntschli, um de nossos novos amigos

sérvios. (*Os dois se cumprimentam com acenos de cabeça.*)

RAÍNA – Que bobagem a minha! (*Ela desce e fica no centro do grupo, entre Bluntschli e Petkoff.*) Eu fiz um lindo pudim de chocolate em forma de soldado para o almoço e o estúpido do Nicola colocou uma pilha de pratos em cima e estragou tudo. (*Para Bluntschli, encantadoramente.*) Espero que não tenha pensado que o soldadinho de chocolate era o senhor, capitão Bluntschli.

BLUNTSCHLI – Confesso que sim. Mas sua explicação me deixou bastante aliviado.

PETKOFF – E desde quando você começou a cozinhar, querida?

CATARINA – Desde que você foi pra guerra. É sua última mania.

PETKOFF – E o Nicola deu para beber? Antigamente ele era tão cuidadoso. Primeiro me traz o capitão Bluntschli para o jardim quando eu estava na ... biblioteca; agora amassa o soldadinho de chocolate de Raína. Ele deve... (*Petkoff é cortado por Nicola que aparece no topo da escada com a valise de Bluntschli. Ele desce as escadas e para espanto de todos a põe no chão, perto do suíço, e fica todo feliz consigo mesmo.*)

PETKOFF – Você ficou maluco, Nicola?

NICOLA – Como disse, senhor?

PETKOFF – Por que você trouxe essa valise para cá?

NICOLA – Ordens da patroa, major. Liuka me disse que...

CATARINA – *(Cortando.)* Minhas ordens?! Por que eu iria mandar trazer a bagagem do capitão Bluntschli para cá? O que você está pensando da vida, Nicola?

NICOLA – *(Depois de alguns momentos sem saber o que fazer, volta e pega a valise novamente.)* Peço desculpas, senhor Capitão. Devo ter ouvido mal. *(Para Catarina.)* Espero que perdoem minha falta. *(Vai subindo os degraus com a valise na mão quando Petkoff o interrompe)*

PETKOFF – Só falta agora colocar a valise em cima do soldadinho de chocolate de Raína. *(Nicola se assusta e deixa a valise cair, que vai acertar o pé de Petkoff)*

PETKOFF – Cuidado, seu animal!

NICOLA – *(Pegando a valise de novo e sumindo rapidamente para dentro da casa.)* Sim, major.

CATARINA – Paul, não fique zangado com ele.

PETKOFF – *(Irado.)* Idiota! Foi só eu ficar fora que ele saiu da linha. Mas eu vou ensiná-lo. Empregados dos infernos. Vou fazer uma limpeza nessa casa. Eles vão ver uma coisa. *(As duas falas seguintes são ditas ao mesmo tempo por Raína e Catarina que acariciam Petkoff tentando acalmá-lo.)*

CATARINA – Não precisa ficar zangado. Ele não fez de propósito. Fica calmo, benzinho. Sshhhh.

RAÍNA – Nã, nã, nã, nã, nã, logo no seu primeiro dia em casa! Eu faço outro pudim de chocolate. Sshhhh.

PETKOFF – Bom, vamos deixar pra lá. E você Bluntschli, vai ficar conosco. Você sabe muito bem que não precisa ir para a Suíça agora.

RAÍNA – Por favor, capitão Bluntschli, fique.

PETKOFF – Agora, é a sua vez Catarina. É de você que ele está com medo. Uma palavra sua e ele fica. *(Para Catarina.)*

CATARINA – É claro, será um enorme prazer se o capitão Bluntschli quiser ficar. Ele conhece meus desejos.

BLUNTSCHLI – Eu faço o que a senhora pedir, madame.

SERGIUS – Então está resolvido! Ele fica!

PETKOFF – Pronto.

RAÍNA – Como vê, o senhor deve ficar.

BLUNTSCHLI – Bom, se devo ficar, eu fico.

(Gesto de desespero de Catarina.)

TERCEIRO ATO

(Biblioteca, após o almoço. Na verdade, livro é o que menos vemos nesse aposento. Somente uma pequena estante com alguns parcos e sujos livros. O restante da parede é ocupado por troféus de guerra e caça. É uma sala

confortável com janelas grandes que mostram os Balcãs ao fundo. No meio, uma lareira construída com tijolos, que mais parece um fogão, com uma torre de calefação que vai até o teto. Uma otomana, luxuosas poltronas perto das janelas e uma mesa de cozinha usada como mesa de trabalho. Bluntschli está atento a seu trabalho, cheio de mapas e papéis à sua frente, escrevendo. Sergius está amuado, sentado à sua frente, brincando com uma caneta e observando irritado o trabalho eficiente de Bluntschli. O major lê o jornal na otomana. Catarina está de costas para eles bordando perto da lareira. Raína sonha acordada reclinada no divã, admirando os Balcãs lá fora, com um livro largado no colo.)

PETKOFF – *(Tirando os olhos do jornal.)* Tem certeza que não posso ajudar, Bluntschli?

BLUNTSCHLI – Tenho, obrigado. Eu e Saranoff damos conta disso.

SERGIUS – É, nós damos conta. Ele descobre o que fazêr, escreve as ordens e eu assino. Isso se chama divisão de trabalho.

(Bluntschli passa um papel a Sergius.)

SERGIUS – Outro? Obrigado. *(Assina o papel lentamente e com grande esforço, mordendo a língua e com o rosto quase colado no papel.)* Eu dou melhor com espadas do que com canetas.

PETKOFF – Bluntschli, você está sendo muito gentil em deixar que abusemos dos seus serviços. Mas você tem certeza de que eu não posso fazer nada?

CATARINA – Se você parar de interromper a toda hora já vai ser uma grande ajuda, Paul.

PETKOFF – Está bem, querida. (*Pega o jornal novamente, vai ler, mas desiste.*) Graças a Deus a guerra acabou, Catarina. Você não sabe como é bom ficar sentado aqui na biblioteca, depois de um maravilhoso almoço, sem nada para fazer além de desfrutar da companhia da família. Só falta uma coisinha pra me fazer 100% confortável.

CATARINA – O que é?

PETKOFF – O meu velho casaco de ficar em casa. Eu não me sinto bem com esse aqui. Parece que estou no meio de um desfile militar.

CATARINA – Ah, lá vem você com aquele seu casaco velho novamente! Ele deve estar pendurado no armário azul, onde sempre esteve.

PETKOFF – Minha querida Catarina, eu já procurei no armário azul e tenho certeza de que ele não está lá. A não ser que eu esteja ficando cego! (*Catarina se levanta e toca a companhia elétrica.*)

PETKOFF – Pra que você está se exibindo com essa campanha? (*Catarina olha para ele e majestosamente volta a sua cadeira e seu bordado.*)

PETKOFF – Querida, no armário azul só tem dois vestidos velhos de Raína, minha capa de chuva e o seu impermeável. Você acha que apenas com a obstinação do sexo feminino vai conseguir transformar essas peças de roupa no meu velho casaco de ficar em casa? (*Nicola entra.*)

CATARINA – Nicola, vá até o armário azul e traga aquele velho casaco bordado que o patrão gosta de usar em casa.

NICOLA – Sim senhora. (*Sai.*)

PETKOFF – Catarina, eu aposto qualquer jóia que você quiser contra uma semana do dinheiro da casa que aquele casaco não está no armário azul.

CATARINA – Feito!

PETKOFF – Ah, finalmente um pouco de diversão. Quem mais quer apostar? Bluntschli, dou seis contra um de vantagem. (*Excitado com a aposta.*)

BLUNTSCHLI – (*Imperturbável.*) Não quero tirar seu dinheiro, major. Madame com certeza sabe o que está dizendo. (*Sem olhar, passa um monte de papéis para Sergius.*)

SERGIUS – (*Também excitado.*) Viva a Suíça! Major, aposto meu melhor cavalo de batalha contra uma égua árabe para Raína como Nicola vai encontrar o casaco no armário azul!

PETKOFF – Seu melhor cava... (*Ansiioso.*)

CATARINA – Não seja idiota, Paul! Uma égua árabe vai te custar mais de 50.000 *levas*.

RAÍNA – (*Saindo bruscamente de sua abstração.*) Mamãe! Se a senhora vai ganhar jóias, porque eu não posso ganhar uma égua árabe? (*Entra Nicola e entrega o velho casaco a Petkoff que não acredita no que vê.*)

CATARINA – Onde estava o casaco, Nicola?

NICOLA – Pendurado no armário azul, madame.

PETKOFF – Tô fu...

CATARINA – (*Cortando.*) Paul!

PETKOFF – Eu podia jurar que não estava lá. Eu acho que estou começando a ficar velho. Estou tendo alucinações. (*Para Nicola.*) Me ajude a trocar de casaco. Com licença, Bluntschli. (*Troca de roupa e Nicola o ajuda.*)

PETKOFF – Ainda bem que não aceitei sua aposta, Sergius. E agora que você excitou Raína com a possibilidade, acho melhor comprar a tal da égua árabe. Não é, Raína? (*Raína já se desligou do que acontece no aposento novamente e contempla absorta a paisagem pela janela.*)

PETKOFF – (*Com orgulho paternal.*) Já está sonhando novamente.

SERGIUS – Raína não vai se decepcionar. Eu nunca decepciono minhas noivas.

PETKOFF – Melhor para ela. Esse casaco já me deu prejuízo bastante por

hoje! (*Petkoff terminou de se vestir e Nicola sai com o outro casaco.*)

PETKOFF – Ah, agora sim me sinto em casa! (*Senta e pega o jornal para ler com um suspiro feliz.*)

BLUNTSCHLI – (*Para Sergius, entregando um último papel.*) Essa é a última instrução.

SERGIUS – Já acabou?

BLUNTSCHLI – Acabei!

PETKOFF – (*Numa inveja infantil.*) E não tem nada pra mim assinar também?

BLUNTSCHLI – Não é necessário. A assinatura de Sergius basta.

PETKOFF – (*Batendo no peito estufado.*) Bom, acho que já trabalhamos bastante por hoje. Tem mais alguma coisa para fazer?

BLUNTSCHLI – É melhor despachar essas ordens o mais rápido possível. (*Sergius se levanta para fazê-lo.*)

BLUNTSCHLI – Cada ordem está marcada com a hora em que deverá ser executada. Deixe bem claro pra quem vai executar o serviço que se pararem pra beber ou conversar e atrasarem um minuto que seja, serão esfolados vivos.

SERGIUS – (*Firme.*) Pode deixar comigo. Serei firme. (*Caminha para a porta.*) E se algum deles cuspir na minha cara eu peço sua baixa na hora e lhe arranjo uma pensão pro resto da vida. (*Sai.*)

BLUNTSCHLI – (*Em tom de confidência, para Petkoff.*) É melhor o senhor ir junto, major. Para garantir que

as ordens serão dadas de maneira adequada.

PETKOFF – Você está certo, Bluntschli. Pode deixar comigo. (*Vai para a porta e de repente pára.*) Pensando bem, é melhor você vir também, Catarina. Eles têm mais medo de você do que de mim.

CATARINA – É melhor mesmo. O máximo que você faz é lançar perdigos sobre os soldados. (*Os dois saem.*)

BLUNTSCHLI – Isso é que é um verdadeiro exército. Fazem canhões com troncos de cerejeira e os oficiais precisam das esposas para manter a disciplina! (*Bluntschli começa a arrumar os papéis na mesa onde estava trabalhando. Raína se levanta, vagueia pela sala e olha maliciosamente para ele.*)

RAÍNA – Você está muito mais bonito do que na última vez que nos encontramos. O que foi que você fez?

BLUNTSCHLI – Bom, eu tomei um banho, fiz a barba, me pentei. Uma boa noite de sono e um bom café da manhã. Só isso.

RAÍNA – Conseguiu escapar em segurança naquela manhã?

BLUNTSCHLI – Consegui, muito obrigado por tudo.

RAÍNA – E os seus companheiros não estavam zangados porque você fugiu da carga da cavalaria?

BLUNTSCHLI – Não, ficaram felizes por me verem vivo. Todos bateram em retirada também.

RAÍNA – (*Se aproximando da mesa e se inclinando sobre ele.*) O senhor deve ter feito muito sucesso ao contar a história toda para eles.

BLUNTSCHLI – A história é realmente maravilhosa, mas eu só contei para o meu melhor amigo.

RAÍNA – (*Irônica.*) Um amigo de total discrição e confiança, imagino.

BLUNTSCHLI – Total confiança e discrição.

RAÍNA – (*Se afastando dele, irritada.*) E o seu discreto e melhor amigo foi direto contar a história para meu pai e Sergius no dia da troca dos prisioneiros em Piro!

BLUNTSCHLI – Não! Quer dizer que seu pai e Sergius sabem de tudo?

RAÍNA – Sabem. Eles só não sabem que a história aconteceu nesta casa. Se Sergius soubesse já o teria desafiado para um duelo e o senhor estaria morto a essa hora.

BLUNTSCHLI – (*Irônico.*) Estou morrendo de medo do Quixote búlgaro.

RAÍNA – Eu estou falando sério, capitão Bluntschli! Será que não percebe como é difícil para mim mentir para Sergius? Eu quero ser perfeita com ele. Sem mesquinhasias, sem baixezas, sem trapanças. Minha relação com Sergius é a coisa mais bonita e nobre de minha vida. Espero que entenda isso.

BLUNTSCHLI – (*Cético.*) Você quer dizer que não gostaria que ele descobrisse que a história do pudim de chocolate foi uma... uma... você sabe.

RAÍNA – Não seja irônico. Eu menti, sei disso. Mas só o fiz para salvar sua vida. Ele o mataria se soubesse de tudo. Essa foi a segunda mentira que tive de contar em toda minha vida. (*Bluntschli se levanta e olha como se a repreendes-se por pegá-la numa mentira.*)

RAÍNA – Você se lembra da primeira vez?

BLUNTSCHLI – Eu? Não. Por acaso eu estava presente?

RAÍNA – Estava. Foi quando eu disse ao oficial russo que não tinha ninguém no meu quarto naquela noite.

BLUNTSCHLI – É verdade. Eu devia ter me lembrado.

RAÍNA – É natural que o senhor tenha esquecido. Para o senhor não custou nada. Mas para mim custou uma mentira! Uma mentira! (*Ela senta na otomana com as mãos entrelaçadas sobre os joelhos. Bluntschli senta ao seu lado.*)

BLUNTSCHLI – Não se preocupe, minha cara senhorita. Eu sou um soldado. E as duas coisas que mais acontecem em nossa profissão é ouvir mentiras e sermos salvos por todo tipo de gente a toda hora.

RAÍNA – É por isso que vocês se tornam criaturas descrentes e incapazes de sentir gratidão.

BLUNTSCHLI – Você admira a gratidão? Eu não. Se a compaixão se parece com o amor, a gratidão se parece com outra coisa.

RAÍNA – Se você é incapaz de sentir gratidão, é também incapaz de sentir qualquer outro sentimento nobre. Até os animais sentem gratidão. Agora eu sei exatamente o que pensa de mim. Você não se surpreendeu nem um pouco ao me ver mentindo. Deve achar que faço isso todo dia, a toda hora. É isso que os homens pensam das mulheres! (*Caminha pela biblioteca tragicamente.*)

BLUNTSCHLI – (*Irônico.*) No fundo no fundo, todo mundo tem um pouco de razão. Mas você acabou de dizer que só disse 2 mentiras em toda sua vida. Minha cara senhorita, não é um cálculo exageradamente modesto? Eu, que me considero um homem extremamente honesto, levo apenas uma manhã para dizer 2 mentiras.

RAÍNA – O senhor está me insultando, sabia?

BLUNTSCHLI – Não posso fazer nada. Eu admiro muita sua atitude nobre e sua voz carregada de emoção. Mas confesso que não consigo acreditar em uma só palavra do que diz.

RAÍNA – Capitão Bluntschli!

BLUNTSCHLI – (*Como se nada tivesse dito.*) Sim?

RAÍNA – (*Se levanta como se não acreditasse no que ouve.*) Você prestou atenção no que disse? O senhor realmente pensa isso de mim?

BLUNTSCHLI – Claro que penso.

RAÍNA – (*Irritada a ponto de não saber o que dizer.*) Eu! Eu! (*finalmente larga sua encenação e assume um tom*

natural e infantil.) Como é que você descobriu?

BLUNTSCHLI – Instinto, cara senhorita. Instinto e experiência de vida.

RAÍNA – Sabe que você é o único homem que não me leva a sério?

BLUNTSCHLI – Você quer dizer que eu sou o único homem que realmente a leva a sério.

RAÍNA – Eu até me sinto estranha falando desse jeito tão natural. A minha vida inteira falei daquele jeito.

BLUNTSCHLI – Que jeito?

RAÍNA – Com a atitude nobre e a voz carregada de emoção. (*Os dois riem juntos.*)

RAÍNA – Eu falava desse jeito para minha babá e ela acreditava. Eu falava assim com meus pais e eles acreditavam. Eu falo assim como Sergius e ele acredita em mim.

BLUNTSCHLI – Bom, é o mesmo estilo dele.

RAÍNA – (*Espantada.*) Você acha?

BLUNTSCHLI – Você o conhece melhor do que eu.

RAÍNA – Imagino. Se tivesse percebido isso antes... Mas agora que o senhor me conhece tão bem deve me desprezar.

BLUNTSCHLI – (*Enfático, se levantando.*) Mil vezes não. Isso faz parte da sua juventude, do seu charme. Eu sou como todos os outros: a babá, seus pais, Sergius. Sou seu admirador incondicional.

RAÍNA – (*Animada.*) Verdade?

BLUNTSCHLI – A mais pura e cristalina verdade.

RAÍNA – É o que pensou de mim quando lhe mandei o meu retrato?

BLUNTSCHLI – Retrato? Você nunca me mandou seu retrato.

RAÍNA – Quer dizer que você não recebeu?

BLUNTSCHLI – Não. Você mandou?

RAÍNA – Eu não mandei. (*Virando a cabeça para o outro lado, relutante.*) Eu pus no bolso do casaco de papai.

BLUNTSCHLI – Mas eu não achei. Então ainda deve estar lá.

RAÍNA – (*Levantando num salto.*) Está, e papai vai achá-lo na primeira vez em que colocar a mão no bolso. Meu Deus, como é que eu pude ser tão estúpida!

BLUNTSCHLI – (*Também se levanta.*) Não faz mal. É só uma fotografia. Como é que ele vai adivinhar para quem foi mandada? Você pode dizer que ele mesmo a colocou ali.

RAÍNA – (*Amarga e irônica.*) Claro, claro, que inteligente que você é! (*Assustada, pensando.*) Meu Deus, o que faço agora?

BLUNTSCHLI – Você escreveu alguma coisa na foto? Que ingenuidade.

RAÍNA – (*À beira das lágrimas.*) E eu fiz tudo isso por você, um homem que não liga para nada e fica o tempo todo rindo de mim. Tem certeza de que ninguém pegou a foto?

BLUNTSCHLI – Como é que eu posso ter certeza? Eu não podia ficar com o casaco o tempo inteiro. Quando estamos servindo não podemos carregar muita bagagem.

RAÍNA – O que você fez com o casaco?

BLUNTSCHLI – Quando cheguei em Pirot eu achei que devia colocá-lo num lugar seguro. Pensei no guarda-volumes da estação ferroviária, mas em tempos de guerra esses são os primeiros lugares a serem saqueados. Aí eu resolvi botar no prego.

RAÍNA – Você empenhou o casaco de papai?!

BLUNTSCHLI – Eu sei que não soa muito bem, mas era o lugar mais seguro. Eu tirei do prego anteontem. Só Deus sabe se não limpavam os bolsos.

RAÍNA – (*Furiosa.*) Você tem idéia de comerciante barato. Pensa coisas que nunca passariam pela cabeça de um cavalheiro.

BLUNTSCHLI – É o caráter nacional suíço, cara senhorita.

RAÍNA – Eu preferia nunca ter conhecido você. (*Raína, irritada, vai para a janela. Entra Liuka com uma pilha de cartas e telegramas na bandeja e atravessa a biblioteca até a mesa com seu rebolado insolente. A manga esquerda de sua blusa está levantada e presa por um broche, mostrando o braço nu. Um enorme bracelete dourado cobre a mancha roxa feita por Sergius. Ela se*

dirige a Bluntschli determinada a tratar mal um inimigo, ainda que o servindo.)

LIUKA – Pra você. (*Vira o conteúdo da bandeja na mesa.*) O mensageiro está esperando.

BLUNTSCHLI – (*Para Raína.*) Com licença. A última correspondência que me achou foi há 3 semanas. Deve estar tudo acumulado. Olha aí, 4 telegramas com uma semana de atraso. (*Abre um.*) Oh, más notícias.

RAÍNA – (*Voltando-se para ele, preocupada.*) Más notícias.

BLUNTSCHLI – Meu pai morreu. (*Ele lê o telegrama preocupado. Liuka se benze rapidamente.*)

RAÍNA – Que triste notícia!

BLUNTSCHLI – É. Vou ter voltar para casa agora. Ele me deixou uma cadeia de grandes hotéis que eu vou ter que administrar. (*Pega uma carta gorda num envelope azul.*) É uma carta do advogado da família. (*Abre.*) Meu Deus! Setenta! Duzentos! Quatrocentos!! Quatro mil!!! Nove mil e seiscentos!!! O que eu vou fazer com tudo isso?

RAÍNA – Nove mil e seiscentos hotéis?

BLUNTSCHLI – Que absurdo! Se você soubesse! É ridículo demais! Com licença, preciso dar instruções ao mensageiro. (*Deixa a biblioteca com as cartas na mão.*)

LIUKA – (*Tentando irritar Raína.*) Esse suíço não tem coração. Nem uma palavra de carinho pelo pobre pai morto.

RAÍNA – Um homem que nos últimos anos não fez nada além de matar pessoas pelos campos de batalha não pode sentir carinho por ninguém. Soldados não ligam para nada mesmo. (*Caminha até a porta tentado controlar as lágrimas.*)

LIUKA – O major Saranoff também esteve lutando pelos campos de batalha e ainda tem um coração enorme. (*Raína se recompõe e sai.*)

LIUKA – Aha! Eu sabia que você não ia conseguir arrancar muito sentimento do seu soldadinho de chocolate. (*Ela vai sair quando entra Nicola, carregando lenha para a lareira.*)

NICOLA – (*Sorrindo maliciosamente para Liuka.*) Eu fiquei a tarde inteira tentando arranjar um jeito de ficar sozinho com você um minuto, minha garotinha. (*Repara em seu braço.*) Que moda é essa no seu braço?

LIUKA – (*Orgulhosa.*) Criação minha.

NICOLA – Com certeza. Se a patroa te pega vai te repreender. (*Larga a lenha no chão e senta confortavelmente na otomana.*)

LIUKA – E isso é motivo pra você parar o seu trabalho e ficar pegando no meu pé?

NICOLA – Ah, não fica zangada comigo, eu tenho boas notícias pra você. (*Liuka senta ao seu lado. Nicola tira uma nota de vinte levas do bolso e mostra a ela que, maravilhada, tenta pegá-la. Ele não deixa, brincando.*)

NICOLA – Um nota de vinte levas! Sergius me deu de pura ostentação. E ainda tem mais dez levas que o suíço me deu por ter encoberto as mentiras da patroa e de Raína sobre ele. O suíço não é bobo não. Você precisava ter visto a patroa conversando comigo lá embaixo, toda educada e gentil, me dizendo pra não ligar pra impaciência do major, que eles sabem que eu me mostrei um excelente criado por não me importar que me fizessem passar por bobo e mentiroso na frente de todos. As vinte levas vão para nossa poupança. E você fica com as outras dez, se conversar um pouquinho comigo e fizer me sentir um ser humano decente. Às vezes eu também me canso de ser criado.

LIUKA – Ser humano decente! Você se vende por 30 levas e quer me comprar por dez! (*se levanta.*) Pode ficar com o seu dinheiro. Você nasceu pra ser um criado. Quando abrir sua loja em Sofia vai continuar sendo criado da sua freguesia. (*Vai até a mesa e se senta com pompa na cadeira de Sergius.*)

NICOLA – (*Catando a lenha no chão e indo para a lareira.*) Espere pra ver. Nós teremos as noites só para nós e eu serei o patrão na nossa própria casa, eu te prometo. (*Põe a lenha no chão e se ajoelha na frente da lareira.*)

LIUKA – Você nunca será o patrão na minha casa!

NICOLA – (*Se virando para Liuka, de quatro no chão, indignado.*) Você é ambiciosa demais, Liuka. Espero que

nunca esqueça que fui eu quem fez de você uma mulher.

LIUKA – Você!

NICOLA – (*Se levantando e indo até ela.*) É mesmo. Quem foi que te convenceu a para de usar aquelas tranças postiças ridículas no cabelo? Quem te disse para pintar os lábios e as bochechas de vermelho como qualquer garota vulgar da Bulgária? Eu! Quem te ensinou a aparar as unhas, a manter as mãos limpas e se portar de maneira educada, como uma fina dama russa? Eu! (*Liuka agita a cabeça desafiadora. Nicola se vira.*)

NICOLA – Se Raína estivesse fora do nosso caminho, se você fosse um pouco menos boba e Sergius um pouco mais idiota, você poderia ser uma das minhas melhores freguesas em vez de ser minha esposa e me dar prejuízo pro resto da vida.

LIUKA – Eu acho que você prefere ser meu criado a meu marido. Assim pode tirar mais proveito de mim. Eu conheço essa sua alma.

NICOLA – (*Se aproximando dela, com ênfase.*) Esquece a minha alma. Só escute o que eu lhe digo. Se você quer se transformar numa dama é melhor se comportar direito comigo. Você é atrevida demais. E atrevimento é sinal de intimidade. Você age como todas as outros caipiras da Bulgária; pensa que é elegante tratar mal a um criado. Isso só mostra sua ignorância. E não fique por aí desafiando todo mundo a toda hora.

O segredo para ser uma dama é o mesmo para ser um criado: conhecer o seu lugar. Você vai precisar muito de mim se for promovida a dama. Pense nisso, garota! Eu vou esperar. Um criado sempre espera.

LIUKA – (*Se levantando impaciente.*) Eu me comporto do jeito que quero. Você quer é me tirar a coragem, desafiando essa sua sabedoria de segunda com esse seu sangue de barata. Vai por lenha no fogão que é disso que você entende. (*Antes de Nicola poder responder, Sergius entra. Ele se ajeita ao ver Liuka. Vai até a lareira.*)

SERGIUS – (*Para Nicola.*) Estou atrapalhando o seu trabalho, Nicola?

NICOLA – Não senhor. Eu só estava repreendendo essa garota boba. Ela tem o péssimo hábito de correr para ler livros sempre que tem uma chance. É o pior de sua educação, senhor. Hábitos acima de sua posição. (*Para Liuka.*) Arrume a mesa para o major, Liuka. (*Sai lentamente.*) (*Liuka, sem olhar para Sergius, finge arrumar os papéis na mesa. Sergius vai até ela e olha para seu braço machucado.*)

SERGIUS – Deixa eu ver isso. Ficou marcado? (*Sergius levanta o bracelete e vê a mancha roxa. Liuka fica imóvel, sem olhar para ele, mas em guarda.*)

SERGIUS – Nossa! Dói?

LIUKA – Muito.

SERGIUS – Eu posso curar?

LIUKA – (*Se afastando dele orgulhosa, ainda sem olhar para ele.*) Agora é tarde.

SERGIUS – Tem certeza? (*Faz um movimento como se fosse tomá-la nos braços.*)

LIUKA – Por favor, não brinque comigo. Um oficial não deve brincar com uma criada.

SERGIUS – (*Indicando o machucado com o dedo.*) Isso não foi brincadeira, Liuka.

LIUKA – (*Recuando e olhando para ele pela primeira vez.*) Está arrependido?

SERGIUS – (*Com ênfase calculada, cruzando os braços.*) Eu nunca me arrependo.

LIUKA – (*Pensativa.*) Um homem de verdade não trata uma mulher desse jeito. Às vezes fico imaginando se o senhor é mesmo um herói.

SERGIUS – Sim, eu sou um herói. Meu coração disparou ao ouvir o primeiro tiro no campo de batalha como o de qualquer mulher. Mas durante a carga da cavalaria eu descobri que sou um verdadeiro herói.

LIUKA – E por acaso você também descobriu que os pobres são menos corajosos que os ricos?

SERGIUS – De maneira alguma. São todos iguais. A coragem para se enfurecer e matar é banal e vulgar. Os pobres também podem cortar gargantas, como qualquer herói. Só há uma diferença: eles morrem de medo de seus

oficiais. Toleram seus insultos e bofetadas e aceitam serem punidos como crianças. (*Com um riso cruel.*) Eu sou diferente. Mostre-me um homem capaz de desafiar o poder e eu lhe mostrarei um verdadeiro herói.

LIUKA – Você não sabe o que é a verdadeira coragem.

SERGIUS – (*Irônico.*) É mesmo? Então talvez eu precise ser instruído. (*Senta na otomana como se esperasse por uma aula.*)

LIUKA – Se eu fosse a imperatriz da Rússia, acima de todos os mortais do mundo, você iria ver.

SERGIUS – E o que faria, minha digníssima imperatriz?

LIUKA – Eu casaria com o homem que amo, coisa que nenhuma outra imperatriz em toda a Europa teria coragem de fazer. Se eu fosse a imperatriz russa e te amasse eu me casaria com você, mesmo que você estivesse muito abaixo de mim. Você teria essa coragem se me amasse? Claro que não. Se começasse a sentir um pouco de amor por mim, não deixaria esse sentimento crescer. Você não teria coragem. Se casaria com a filha de um homem rico porque teria medo do que os outros iriam dizer.

SERGIUS – (*Levantando de um pulo.*) Você mente. Por todas as estrelas do céu, nem que eu fosse o próprio Czar, se estivesse apaixonado por você, eu a colocaria ao meu lado, no trono. Você sabe que amo outra mulher. Uma mulher tão acima de você como o céu aci-

ma da terra. Você está com ciúmes de Raína.

LIUKA – Eu não tenho motivos para ter ciúmes. Ela não vai mais se casar com você. O homem de quem lhe falei voltou. Ela vai se casar com o suíço.

SERGIUS – O suíço!

LIUKA – Um homem que vale dez de você. Então você virá pedir o meu amor, mas aí eu vou recusá-lo. (*Se vira para a porta.*)

SERGIUS – (*Pulando atrás dela e a segurando com força.*) Eu vou matar o suíço e depois vou fazer com você o que eu quiser.

LIUKA – (*Passiva em seus braços.*) Ou talvez o suíço é que o mate. Ele já o venceu no amor. Vai vencê-lo também no duelo.

SERGIUS – Você acha que vou acreditar nessa calúnia? Raína está muita acima de suas mesquinhas.

LIUKA – É? E a senhorita Raína, acreditaria que o senhor me tem em seus braços agora?

SERGIUS – (*Soltando-a desesperado.*) Desgraça! Desgraça! Falsidade e mentiras por todos os lados. Tudo que penso está contaminado pela falsidade de meus atos. (*Batendo no peito.*) Covarde! Mentiroso! Idiota! Será que eu devo me suicidar ou fingir que acho tudo isso engraçado? (*Liuka se volta para sair novamente.*)

SERGIUS – Liuka! (*Liuka pára, já na porta.*)

SERGIUS – Lembre-se: você me pertence.

LIUKA – O que você quer dizer com isso? É um insulto?

SERGIUS – Eu quero dizer que você me ama. Eu a tive em meus braços uma vez. Talvez a tenha novamente. Se é um insulto ou não, não me importa, tome como quiser. Mas não serei um covarde nem brincarei com você. Se eu decidir te amar, casarei com você e vou defecar e andar para toda a Bulgária. Se essas mãos tocarem você novamente, na verdade estarão tocando em minha noiva.

LIUKA – Vamos ver se vai cumprir sua palavra. E tome cuidado: eu não vou esperar por muito tempo.

SERGIUS – (*Cruzando os braços, imóvel.*) Você vai esperar quanto tempo eu quiser. (*Bluntschli, preocupado, e com as cartas e papéis na mão entra deixando a porta aberta para Liuka sair. Ele vai até a mesa e dá uma olhada para ela. Sergius assiste sua entrada imóvel. Liuka sai, deixando a porta aberta.*)

BLUNTSCHLI – (*Sentando na mesa, ocupado com seus papéis.*) Uma mulher e tanto essa Liuka!

SERGIUS – (*Gravemente, sem se mover.*) Capitão Bluntschli!

BLUNTSCHLI – Sim?

SERGIUS – Você me enganou e agora é meu rival. E eu nunca deixo meus rivais vivos. Estarei às 6 horas no campo de manobras da estrada de Klis-

soura, sozinho com meu cavalo e meu sabre. Você compreendeu?

BLUNTSCHLI – (*Olhando fixamente para Sergius, porém tranqüilo.*) Obrigado, mas esse tipo de duelo é para oficiais da cavalaria. Eu pertencço à artilharia e, portanto, tenho direito de escolher as armas. Se eu for, levarei uma metralhadora. E desta vez garanto que não haverá engano quanto ao calibre da munição.

SERGIUS – Cuidado, senhor. Nós, búlgaros, não costumamos permitir que brinquem numa situação séria como essa!

BLUNTSCHLI – Bobagem! Vocês búlgaros não sabem o que é lutar. Mas se você prefere o sabre, tudo bem, estarei lá, às 6 em ponto.

SERGIUS – Muito bem, suíço! Quer que lhe empreste meu melhor cavalo? (*Raína entra e ouve a próxima frase.*)

BLUNTSCHLI – Eu prefiro lutar a pé. Duelos a cavalo são muito perigosos e eu não quero matá-lo.

RAÍNA – (*Correndo ansiosa para Sergius.*) Eu ouvi o que o capitão Bluntschli disse! Por que vocês vão duelar? (*Sergius se vira em silêncio e vai até o fogão.*)

RAÍNA – (*Para Bluntschli.*) Afinal, o que está acontecendo?

BLUNTSCHLI – Eu não sei, ele não me disse o motivo do desafio. Melhor não se meter, cara senhorita. Ninguém irá se machucar. Eu sou professor de esgrima. Ele não vai conseguir encostar

em mim e eu não irei machucá-lo. Melhor deixar esse assunto pra lá. Amanhã de manhã eu já estarei em minha casa e nunca mais ouvirão falar de mim. Então vocês dois poderão se casar e viverão felizes para sempre.

RAÍNA – (*Se voltando, profundamente ferida, quase num soluço.*) Eu nunca disse que não queria vê-lo novamente!

SERGIUS – Ah, uma confissão!

RAÍNA – O que você quer dizer com isso?

SERGIUS – Você ama esse homem!

RAÍNA – (*Escandalizada.*) Sergius!

SERGIUS – Vocês me enganaram bem debaixo do meu nariz. Bluntschli, você sabia que éramos noivos e mesmo assim me desrespeitou. É por isso que eu o estou desafiando. Não por ter recebido favores de Raína que eu mesmo nunca desfrutei.

BLUNTSCHLI – (*Indignado.*) Que bobagem! Eu nunca recebi favor nenhum. A jovem senhorita não sabe sequer se sou casado ou não.

RAÍNA – Oh! (*Se largando na otomana.*) Você é casado?

SERGIUS – Vê a preocupação da jovem senhorita, capitão Bluntschli? Não adianta negar! Você usufruiu do privilégio de ser recebido em seu quarto a altas horas da noite...

BLUNTSCHLI – (*Interrompendo.*) É, seu cabeça dura! Ela me recebeu em seus aposentos com uma pistola aponta-

da para a cabeça. Sua cavalaria estava atrás de mim. Eu teria estourado os miolos dela se tivesse dado um ai para chamar a atenção!

SERGIUS – Raína, isso é verdade?

RAÍNA – (*Se levantando, majestosa.*) Como você teve coragem de pensar isso de mim?

BLUNTSCHLI – Peça desculpas, homem! (*Ele senta na mesa.*)

SERGIUS – Eu nunca peço desculpas!

RAÍNA – Tudo culpa daquele seu amigo de confiança, capitão Bluntschli. Ele é quem está espalhando essa história horrível a meu respeito!

BLUNTSCHLI – Ele não está espalhando mais nada! Está morto! Foi queimado vivo.

RAÍNA – Queimado vivo?!

BLUNTSCHLI – Ele levou um tiro na perna e não podia mais andar. Então se arrastou até um paiol de lenha com outros 6 soldados na mesma situação. E os seus heróicos soldados búlgaros tocaram fogo no paiol. Os pobres coitados foram queimados vivos.

RAÍNA – Que horrível!

SERGIUS – Horrível e ridículo! Oh, a guerra, a guerra, sonho de todos os heróis e patriotas! Tudo mentira, Bluntschli. Uma grande e vazia mentira, como o amor.

RAÍNA – (*Ofendida.*) Como o amor! É você ainda diz isso na minha frente!

BLUNTSCHLI – Vamos lá, Saranoff, a confusão já está esclarecida!

SERGIUS – Uma grande e vazia mentira, eu repito. Você não teria voltado até aqui se tudo tivesse acontecido sob a mira de uma pistola, Bluntschli. E Raína está enganada sobre seu amigo que foi queimando vivo. Não foi ele quem me contou a história.

RAÍNA – Quem foi então? (*Caindo em si.*) Ah, Liuka! Minha criada! Você esteve com ela todo aquele tempo depois que... Oh, que Deus é esse que tenho adorado esse tempo todo? (*Irritada, indo na direção de Sergius.*) Eu olhei pela janela quando fui buscar meu chapéu e vi uma cena de meu herói não pude entender. Mas agora eu compreendo tudo. Você estava flertando com Liuka!

SERGIUS – (*Cruzando os braços, de mau humor.*) Você viu?

RAÍNA – Vi tudo muito bem. (*Ela se larga no divã.*)

SERGIUS – Nosso romance está acabado. A vida é uma farsa.

BLUNTSCHLI – Ele finalmente descobriu a si mesmo.

SERGIUS – (*Indo até Bluntschli.*) Bluntschli, eu deixei que me chamasse de cabeça dura. E agora você pode me chamar de covarde também. Eu me recuso a duelar com você. Quer saber porquê?

BLUNTSCHLI – Não. Eu não quis saber por que estava me desafiando e agora não quero saber por que desistiu.

Eu sou um soldado profissional. Eu luto quando tenho que lutar e ficou feliz de não ter de lutar quando não é mais necessário. Você é um amador que pensa que a guerra é uma diversão.

SERGIUS – (*Sentando na mesa à sua frente, cara a cara.*) Mas você vai ouvir meu motivo assim mesmo, meu caro profissional. Eu desisti porque para um duelo são necessários dois homens, dois homens de verdade, de carne e osso, com sangue correndo pelas veias. E você não é um homem, Bluntschli. Você é uma máquina.

BLUNTSCHLI – Você tem toda razão. Eu sempre fui esse tipo de homem. Peço perdão.

SERGIUS – Bolas!

BLUNTSCHLI – E agora quais são os obstáculos para a felicidade de vocês dois?

RAÍNA – (*Se levantando.*) Você está muito preocupado com a nossa felicidade, capitão Bluntschli. Já esqueceu do novo amor de Sergius, Liuka? Não é como você que Sergius deve lutar agora, mas com seu verdadeiro rival, Nicola.

SERGIUS – Nicola?

RAÍNA – Você não sabe que eles estão noivos?

SERGIUS – Nicolas! Será que o mundo está desabando? Nicola!

RAÍNA – (*Irônica.*) Um sacrifício e tanto que Liuka terá de fazer. Tanta beleza, tanta inteligência, tanto recato, desperdiçado com um criado de meia-

idade. Sergius, você não devia permitir semelhante desperdício. Seria indigno de seu cavalheirismo.

SERGIUS – (*Perdendo o controle.*)

Sua víbora! Cobra cascavel!

BLUNTSCHLI – Saranoff, é melhor deixar isso pra lá.

RAÍNA – (*Ficando zangada, para Bluntschli.*) Você não percebe o que esse monstro fez conosco? Ele colocou a garota para nos espionar e em troca ofereceu o seu amor por ela.

SERGIUS – Você está mentindo, sua...sua... mostra!

RAÍNA – Mostra? Você nega que foi ela quem contou a você que o capitão Bluntschli esteve em meu quarto?

SERGIUS – Não, mas...

RAÍNA – (*Cortando.*) E você nega que estava flertando com ela no jardim?

SERGIUS – Não, mas não foi bem assim...

RAÍNA – (*Cortando novamente.*) Não precisa dizer mais nada. É o suficiente para mim. (*Dá as costas e vai majestosa para a janela.*)

(*Sergius senta arrasado na otomana e afunda a cabeça entre as mãos.*)

BLUNTSCHLI – Eu falei para deixar isso pra lá, Saranoff.

SERGIUS – Sua pantera búlgara!

RAÍNA – Você está ouvindo esse homem me xingando, capitão Bluntschli?

BLUNTSCHLI – Vamos parar com isso vocês dois. Não vai nos levar a lugar nenhum. (*Raína senta na otomana*

ma suspirando. Tenta olhar envergonhada para Bluntschli mas não consegue. Acaba dando as costas para Sergius numa atitude infantil.)

SERGIUS – Liuka noiva de Nicola! Ah, ah, Bluntschli, você é que está certo em encarar esse mundo com tanta frieza.

RAÍNA – (*para Bluntschli.*) Você deve nos achar uma dupla de crianças idiotas.

SERGIUS – Com certeza. É a civilidade suíça censurando a barbárie búlgara.

BLUNTSCHLI – De maneira alguma. Só fico feliz de ver que vocês se acalmaram. E agora vamos tentar conversar civilizadamente. Onde está a outra moça?

RAÍNA – Provavelmente escutando atrás da porta.

SERGIUS – (*indignado.*) Eu vou provar que pelo menos essa acusação não passa de uma calúnia. (*Sergius vai até a porta e a abre rapidamente. Um grito de ódio escapa de sua boca. Ele puxa Liuka lá de fora e a empurra com raiva até a mesa, na frente de Bluntschli.*)

SERGIUS – Julgue-a, Bluntschli. Com toda a sua imparcialidade suíça, julgue a bisbilhoteira! (*Liuka fica de pé, calada e orgulhosa.*)

BLUNTSCHLI – Eu não posso julgar ninguém. Também já escutei atrás de portas uma vez. Houve uma tentativa de motim e minha vida estava em jogo naquele momento.

LIUKA – O meu amor está em jogo nesse momento. Não me arrependo de nada do que fiz.

RAÍNA – Seu amor! Sua bisbilhotice, isso sim!

LIUKA – O meu amor é mais forte do que qualquer coisa que você pode sentir, até mesmo sua atração pelo soldadinho de chocolate.

SERGIUS – Soldadinho de chocolate?

LIUKA – Isso mesmo, o...

SERGIUS – *(Cortando.)* Ah, o pudim de chocolate de Raína. Que zombaria mais boba, garota. *(O major Petkoff entra em mangas de camisa.)*

PETKOFF – Desculpem meu traje, cavalheiros. Raína, alguém andou usando o meu velho casaco de ficar em casa, tenho certeza. Alguém bem maior do que eu. Ele está todo descosido nas mangas. Sua mãe está consertando. Espero que fique pronto rápido, não quero pegar um resfriado. *(Olha atentamente para todos.)* Aconteceu alguma coisa?

RAÍNA – *(Tranqüila, sentada perto da lareira.)* Não.

SERGIUS – *(Também sentado.)* Oh não.

BLUNTSCHLI – Nada. Nada mesmo.

PETKOFF – *(Sentando na otomana.)* Muito bem. *(Olha para Liuka.)* Algum problema, Liuka?

LIUKA – Não senhor.

PETKOFF – Muito bem. *(Dá um suspiro.)* Seja boazinha e vá perguntar a patroa se meu casaco já está pronto. *(Nicola entra com o casaco. Liuka finge*

estar trabalhando e leva uma pequena mesa para perto da janela. Raína se levanta rapidamente quando vê o casaco na mão de Nicola e vai buscá-lo.)

RAÍNA – Aí está o seu casaco, papai. Pode me dar, Nicola. E ponha um pouco mais de lenha na lareira. *(Raína pega o casaco e o leva até o major que se levanta para vesti-lo, Nicola vai ver o fogo.)*

PETKOFF – *(Implicando com Raína afetuosamente.)* Está me tratando bem só porque acabei de chegar da guerra. Amanhã volta a me tratar como lixo.

RAÍNA – Papai, como é que você pode dizer uma coisa dessa de mim?

PETKOFF – Foi só uma brincadeira, filhinha. Dá um beijo aqui no seu velho pai. *(Raína o beija.)*

PETKOFF – Agora me dê o casaco.

RAÍNA – Não, eu vou ajudá-lo a se vestir. Vire de costas. *(Ele vira de costas e estende os braços. Ela tira a fotografia do bolso do casaco e joga na mesa em frente a Bluntschli que a cobre com uma folha de papel. Sergius assiste a cena curioso. Ela então veste o casaco no pai.)*

RAÍNA – Pronto, está confortável agora?

PETKOFF – Muito, querida. Obrigado. *(Ele senta e Raína volta para seu lugar.)*

PETKOFF – A propósito, eu achei uma coisa engraçada no bolso do casaco. O que quer dizer isso? *(Vasculha o bolso onde estava a foto.)* Ué, cadê?

(Vasculha o outro bolso.) Ué, eu podia jurar que estava aqui. *(Continua a vasculhar os bolsos até se levantar.)* Bom, sua mãe deve ter pegado.

RAÍNA – *(Ruborizada.)* Pego o quê?

PETKOFF – Uma foto sua escrita atrás: “Uma lembrança de Raína para seu soldadinho de chocolate” Tem alguma coisa errada aqui e agora eu vou descobrir o que é. Nicola!

NICOLA – Senhor?

PETKOFF – Você estragou o pudim de chocolate de Raína hoje de manhã?

NICOLA – Foi o que a senhorita Raína disse, senhor.

PETKOFF – O que ela disse eu sei, seu idiota. Eu quero saber se é verdade!

NICOLA – A senhorita Raína seria incapaz de dizer uma mentira, senhor.

PETKOFF – Você tem certeza?

NICOLA – Absoluta!

PETKOFF – Pois eu não tenho. *(Para todos os outros.)* Vocês pensam que me enganam, mas eu já descobri tudo. *(Vai até Sergius e bate em seu ombro.)* Você é o soldadinho de chocolate, não é, Sergius?

SERGIUS – Eu nunca fui chamado de soldadinho de chocolate em toda a minha vida!

PETKOFF – Não? Você está querendo dizer que Raína escreveu uma coisa dessas para outro homem?

SERGIUS – O mundo não é tão inocente como imaginávamos, Petkoff.

BLUNTSCHLI – (*Se levantando.*) Está bem, major. Eu sou o soldadinho de chocolate. (*Petkoff e Sergius ficam atônicos.*)

BLUNTSCHLI – A senhorita salvou minha vida me dando bombons de chocolate para comer. Eu estava morrendo de fome. Nunca esquecerei o sabor daqueles bombons. Meu falecido amigo Stolz contou toda a história a vocês em Pirof. Eu era o fugitivo daquela noite.

PETKOFF – Você! Sergius, você se lembra como aquelas duas mulheres se comportaram quando contamos essa história hoje de manhã? (*Para Raína.*) Você é uma bela mocinha, hein?

RAÍNA – O major Saranoff não quer mais casar se comigo. E quando escrevi o bilhete na fotografia, não sabia que o capitão Bluntschli era casado.

BLUNTSCHLI – Eu não sou casado!

RAÍNA – Mas você disse que era!

BLUNTSCHLI – De maneira alguma, eu nunca foi casado em toda a minha vida.

PETKOFF – Raína, você podia ter a bondade de me dizer, se não for pedir demais, com qual dos dois cavalheiros aqui presente você está comprometida?

RAÍNA – Com nenhum dos dois. Essa jovem senhorita... (*Empurra Liuka que encara todos com orgulho.*)

RAÍNA – ... é o objeto de afeição do major Saranoff no momento.

PETKOFF – Liuka! Você ficou maluco, Sergius? Essa moça é noiva de Nicola!

NICOLA – Com licença, senhor, mas houve um engano. Liuka não é minha noiva.

PETKOFF – Como não, seu patife? Você me arrancou 25 levas no dia do seu noivado. E Raína deu a Liuka aquele bracelete de ouro como presente de casamento.

NICOLA – Nós anunciamos o noivado apenas para dar um pouco de segurança a Liuka. Ela nasceu com alma de rico e eu nunca passei de um confiante criado para ela. Eu pretendo, como o senhor sabe, abrir uma loja em Sofia, e tudo que quero é tê-la entre minhas freguesas se ela se casar com um nobre. (*Nicola sai, deixando todos estarecidos.*)

PETKOFF – Bom, estou.... hum...

SERGIUS – Não sei como classificar Nicola: um grande herói ou um canalha dos mais baixos? O que acha, Bluntschli?

BLUNTSCHLI – Acho que Nicola é o homem mais hábil que encontrei em toda Bulgária. Se souber falar francês e alemão eu o farei gerente de um de meus hotéis.

LIUKA – (*Indo até Sergius.*) Já fui humilhada o bastante por hoje. E foi você quem começou. Você me deve desculpas. (*Sergius cruza os braços mecanicamente.*)

BLUNTSCHLI – Não adianta. Ele nunca pede desculpas.

LIUKA – Não para vocês, que são do mesmo nível que ele. Mas para mim,

uma criada, ele não se importará em pedir desculpas.

SERGIUS – Você está certa. (*Se ajoelha majestosamente na frente de Liuka.*) Perdão.

LIUKA – Eu o perdôo. (*Liuka oferece sua mão timidamente a Sergius que a beija.*)

LIUKA – Você tocou em mim novamente. Agora sou sua noiva!

SERGIUS – Ah! Eu me esqueci!

LIUKA – (*Friamente.*) Você pode retirar sua palavra se quiser.

SERGIUS – Eu nunca retiro minha palavra! Você me pertence, Liuka. (*Sergius abraça Liuka. Catarina entra. Todos estão estupefatos com o que vêem.*)

CATARINA – O que significa isso? (*Sergius solta Liuka.*)

PETKOFF – Bem, querida, parece que Sergius vai se casar com Liuka em vez de Raína. (*Catarina avança para Petkoff a ponto de explodir.*)

PETKOFF – (*Recuando até a lareira.*) Não adianta me olhar com essa cara. Eu não tenho nada com isso.

CATARINA – Casar com Liuka! Sergius, você empenhou sua palavra conosco!

SERGIUS – (*Cruzando os braços.*) Não sou obrigado a nada.

BLUNTSCHLI – (*Feliz com o que acaba de ouvir.*) Saranoff, meus parabéns. Seu heroísmo finalmente mostrou um lado prático. (*À Liuka.*) Graciosa senhorita, os cumprimentos de um republicano. (*Bluntschli beija a mão de*

Liuka sob o olhar desaprovador de Raína e volta ao seu lugar.)

CATARINA – Liuka, você andou fazendo fofocas por aí?

LIUKA – Eu não fiz nada de mal a Raína.

CATARINA – Senhorita Raína pra você!

LIUKA – Ela me chama de Liuka e eu tenho o direito de chamá-la de Raína. Eu só disse ao major Saranoff que Raína nunca iria se casar com ele se o cavalheiro suíço voltasse.

BLUNTSCHLI – Como é que é?

LIUKA – Raína ama o cavalheiro suíço.

BLUNTSCHLI – Isso é ridículo. Eu posso garantir a todos vocês que a jovem senhorita simplesmente salvou a minha vida. Nada mais. Basta olhar para ela e para mim. Ela é rica, jovem, bonita, com a imaginação cheia de princesas, nobres, cargas de cavalaria e sabe lá deus o que mais. E eu não passo de um medíocre soldado suíço que não conhece uma vida decente há mais de 15 anos. Um vagabundo, um homem que desperdiçou todas as oportunidades que teve na vida por causa de seu incurável caráter romântico, um homem que...

SERGIUS – *(Interrompendo.)* Perdão, capitão Bluntschli, mas o que foi mesmo que fez você desperdiçar todas as oportunidades que teve na vida?

BLUNTSCHLI – Meu incurável caráter romântico. Eu fugi de casa 2 vezes

quando era garoto. Entrei para o exercício em vez de ir para o negócio de papai. Escalei a sacada do quarto da senhorita Raína quando um homem de bom senso teria se enfiado no primeiro porão que achasse pela frente. Voltei a essa casa para olhar mais uma vez para a jovem senhorita quando qualquer outro homem na minha idade teria mandado o casaco pelo correio.

PETKOFF – Meu casaco!

BLUNTSCHLI – Sim, é a esse casaco que me refiro. Qualquer outro o teria mandado pelo correio e voltado bem quieto para casa. Eu pareço o tipo de homem que faz uma jovem garota se apaixonar? Olhe nossas idades. Eu tenho 34 anos e suponho que a senhorita não deve ter mais do que 17. *(Todos reagem, olhando uns para os outros.)*

BLUNTSCHLI – Toda essa confusão, que para mim significou minha salvação, para ela não passou de uma brincadeira de esconde-esconde. Aqui está a prova! *(Mostra a fotografia.)* Uma mulher que tivesse realmente levado à sério o que aconteceu entre nós não teria escrito isso: “Uma lembrança de Raína para seu soldadinho de chocolate”. *(Ele mostra a fotografia como se isso encerrasse a questão.)*

PETKOFF – Era isso que eu estava procurando. Como diabos foi parar aí?

BLUNTSCHLI – *(Para Raína, com placente.)* Espero ter explicado tudo agora, jovem senhorita.

RAÍNA – *(Indo até a mesa e encarando-o.)* Concordo plenamente com o juízo que fez de você mesmo. Você não passa de um romântico idiota. Da próxima vez, espero que pelo menos seja capaz de perceber a diferença entre uma menina de 17 anos e uma mulher de 23.

BLUNTSCHLI – 23 *(Raína toma a foto das mãos Bluntschli, rasga em pedacinhos, atira em seu rosto e volta para seu lugar.)*

SERGIUS – Bluntschli, minha última crença no mundo se foi. Até mesmo sua sagacidade é uma fraude. Você tem menos perspicácia do que eu!

BLUNTSCHLI – 23! 23! Hum! *(Se decidindo e indo na direção de Petkoff.)* Nesse caso, major Petkoff, eu formalmente peço a mão de sua filha em casamento, em substituição ao major Saranoff.

RAÍNA – Que ousadia!

BLUNTSCHLI – Já que tem 23 anos vou levar a sério as coisas que me disse hoje de manhã.

CATARINA – Eu acho que o senhor não percebeu a posição de minha filha nem a do major Saranoff, de quem pretende tomar lugar. Os Petkoff's e os Saranoff's são as famílias mais ricas e importantes da Bulgária. A posição de nossa família é quase histórica.

PETKOFF – Isso não importa, Catarina. *(Para Bluntschli.)* Nós o aceitaríamos com muito prazer se fosse apenas uma questão de posição. Mas veja bem,

Raína está acostumada a vida muito confortável. Sergius tem 20 cavalos!

BLUNTSCHLI – Mas quem precisa de 20 cavalos? Nós vamos casar, não vamos montar um circo.

CATARINA – Senhor minha filha está acostumada a estábulos de primeira categoria.

RAÍNA – Mamãe, assim a senhora me faz parecer ridícula.

BLUNTSCHLI – Bom, se o problema é esse, vamos lá. *(Abre o envelope azul e tira lá de dentro a carta do advogado. Para Sergius.)* Quantos cavalos você disse que tem?

SERGIUS – Vinte, meu nobre suíço.

BLUNTSCHLI – Eu tenho duzentos. *(Todos ficam extasiados.)*

BLUNTSCHLI – E quantas carruagens você tem?

SERGIUS – Três.

BLUNTSCHLI – Eu tenho setenta, vinte e quatro delas com doze lugares, sem contar o lugar do condutor e do cocheiro. E quantas toalhas de mesa você tem?

SERGIUS – Com é que eu vou saber!

BLUNTSCHLI – Você tem quatro mil?

SERGIUS – Claro que não.

BLUNTSCHLI – Eu tenho. E tenho nove mil e seiscentos lençóis e cobertores, dois mil e quatrocentos edredons, vinte mil talheres, trezentos empregados, seis palácios, uma casa de chá, quatro condecorações por bravura e ain-

da falo três línguas. Alguém na Bulgária pode oferecer mais do que isso?

PETKOFF – Mas você é quase o imperador da Suíça.

BLUNTSCHLI – Minha posição na Suíça é a mais alta em toda escala social: sou um cidadão livre.

CATARINA – Nesse caso, capitão Bluntschli, já que o senhor é o escolhido de Raína...

RAÍNA – *(Cortando.)* Ele não é meu escolhido.

CATARINA – *(Ignorando Raína.)* ... eu não devo atrapalhar a felicidade de minha filha. *(Petkoff vai falar mas é cortado por Catarina.)*

CATARINA – E esse é o sentimento de meu marido.

PETKOFF – Claro que é. Duzentos cavalos! Puta que pariu! É cavalo pra caralho!

SERGIUS – *(Para Raína.)* E o que a senhorita diz?

RAÍNA – A senhorita diz que o capitão Bluntschli pode ficar com suas quatro mil toalhas de mesa e suas setenta carruagens. Eu não estou aqui pra ser leiloada pela melhor oferta. *(Dá as costas a Bluntschli.)*

BLUNTSCHLI – Eu não vou aceitar essa resposta. Eu apelei a você uma vez como fugitivo e você me aceitou. Você me deu sua mão para beijar, sua cama para descansar e seu teto para me proteger.

RAÍNA – Eu não dei tudo ao imperador da Suíça.

BLUNTSCHLI – Foi exatamente o que disse. *(Pega Raína pelos ombros e a vira de modo que ficam cara a cara.)* Agora nos diga: a quem você deu tudo isso?

RAÍNA – *(Cedendo com um sorriso envergonhado.)* Para o meu soldadinho de chocolate.

BLUNTSCHLI – *(Com um sorriso juvenil de felicidade.)* Então está tudo resolvido. *(Olha para seu relógio e subitamente se torna um homem de negócios.)* O tempo não pára, major. Você manejou tão bem aqueles regimentos da cavalaria de Filipópolis que com certeza vão pedir que diga o que fazer com a divisão de infantaria de Timok. É só mandá-los para casa pelo caminho de Lom Palonka. Saranoff, não se case até eu voltar. Eu estarei aqui pontualmente às 5 da tarde da terça-feira que vem. Graciosa senhorita, *(Bate os calcanhares.)* Boa noite. *(Faz um cumprimento militar e sai.)*

SERGIUS – Que homem! Mas será mesmo um homem?

FIM

Textos à disposição dos leitores na Secretaria d'O TABLADO

- Anouilh, J. – *O Baile dos Ladrões*, nº 134.
Aumillier, R. – *O Tigre, o Homem e o Rato*, nº 142.
Azevedo, A. – *Teatro a Vapor*, nº 140.
Beckett, S. – *A catástrofe*, nº 102; *Coisas e Loisas*, nº 115; *Todos os que Caem*, nº 121.
Bethencourt, João – *Planejamento Familiar – A Solução Brasileira*, nº 109.
Bradford, B. – *Ensaio*, nº 126.
Brecht, Bertolt – *A Expulsão do Demônio*, nº 109; *A Mulher Judia*, nº 119.
Buzzati, D. – *Sketches*, nº 122.
Chekov, A. – *Sobre os Males do Fumo*, nº 128.
Cocteau, J. – *A Voz Humana e o Mentiroso*, nº 126; *O Belo Indiferente*, nº 140.
Collier, J. – *Poção*, nº 114.
Coutinho, Paulo Cesar – *A Lira dos Vinte Anos*, nº 103; *Um Piano à Luz da Lua*, nº 141.
Dostoiévski – *O Grande Inquisidor*, nº 114.
Eurípedes – *Tróia*, nº 139.
Ferrás, Buza – *Poleiro dos Anjos*, nº 146.
Fonseca, R. – *H. M. S. Cormorant em Paranaguá*, nº 128 e *Lúcia McCartney*, nº 145.
França, Jr. – *Como se fazia um Deputado*, nº 136.
Fucs, R. – *A Dentista e seu Paciente; Amor, Sexo e Esclerose*, nº 132.
Gibson W. – *Dois na Gangorra*, nº 123.
Gogol – *O Matrimônio*, nº 112; *O Inspetor Geral*, nº 135.
Guerdon, D. – *A Lavanderia*, nº 110/111.
Hasec, J. – *O Bravo Soldado Schweik*, nº 142.
Hofstetter, R. – *Pirandello Nunca Mais*, nº 137.
Homero – *A Odisséia*, nº 116.
Inge, W. – *Tarde Chuvosa*, nº 117.
Jablonski, B. – *A Claudinha Está Lá Fora*, nº 131.
Kartun, M. – *A Casa dos Velhos*, nº 114.
Linhares, Ricardo – *O Dia em que John Lennon Morreu*, nº 102.
Lorde, A. – *O Sistema do Doutor Goudron e do Professor Plume*, nº 112.
Machado, Maria C. – *Sketches*, nº 131.
Maeterlinck, M. – *Interior*, nº 119.
Mahieu, R. – *Jogos na Hora da Sesta*, nº 147.
Marivaux – *O Jogo do Amor e do Acaso*, nº 127.
Marx, Groucho – *Seleção de Sketches Cômicos*, nº 113; *Lição de Etiqueta*, nº 116.
Molière – *Médico à Força*, nº 108.
Müller, H. – *O Pai*, nº 147.
Musset A. de – *Fantasio*, nº 104.
Navarro, Antonio R. – *O Ser Sepulto*, nº 114.
Nunes, Anamaria – *Geração Trianon*, nº 117.
O' Casey, S. – *Uma Libra em Dinheiro Vivo*, nº 124.
Oliveira, Domingos – *Era uma vez nos anos 50*, nº 105.
Patrick, Robert – *Renda de Amor*, nº 113.
Pereira, V. – *Colar de Diamantes*, nº 133.
Pinter, H. – *Seleção de Sketches*, nº 120.
Plauto – *Os Menecmos*, nº 111.
Renard, J. – *Pega-Fogo*, nº 109.
Rio, João do – *Clotilde, Encontro e Que Pena Ser só Ladrão*, nº 143.
Santiago, Thiago – *O Auto do Rei*, nº 106.
Sayão, W. – *Uma Casa Brasileira com Certeza*, nº 129.
Semprun Maura, C. – *O Homem Deitado*, nº 144.
Shakespeare, W. – *Macbeth*, nº 115.
Tardieu, Jean – *Uma Peça por Outra*, nº 118.
Valentim, Karl – *Seleção de Sketches Cômicos*, nº 113; *O Pé de Árvore de Natal*, nº 118.
Vian, B. – *Cinemassacre e Olhar Cruzado*, nº 130.
Vianna Filho, O. – *O Morto do Encantado Morre e Pede Passagem*, nº 138.
Vicente, J. – *Hoje é Dia de Rock*, nº 119.
Wagner, Felipe – *Eternamente Nunca*, nº 106.
Williams, Tennessee – *Essa Propriedade Está Condenada*, nº 104.
Wilde, Oscar – *Salomé*, nº 103.
Wilder T. – *Infância*, nº 121.
Wojtyla, K. – *A Loja do Ourives*, nº 125.

ATIVIDADES D'O TABLADO:

CURSOS DE IMPROVISAÇÃO:

andrea fernandes
aracy m. mourthé
bernardo jablonski
bia junqueira
cico caseira
dina moscovici
fernando becky
guida vianna
isabella secchin
joão brandão
lionel fischer
luiz carlos tourinho
luiz octávio de Moraes
maria clara machado
maria clara mourthé
maria vorhees
ricardo kosovski
thais balloni

PUBLICAÇÃO:

REVISTA "CADERNOS DE TEATRO"

assinatura (4 n^{os}) R\$ 20,00

ÍNDICE

Teatro Brasileiro Hoje II – Aderbal Freire-Filho, Domingos Oliveira, Eduardo Tolentino, José Celso Martinez Correa, Moacyr Góes, Sabato Magaldi e Ulysses Cruz	1
A Semiologia da Iluminação: os Códigos Tea- trais – Hamilton F. Saraiva	9
Quem Vem Lá? – J. Tardieu	15
As Armas e o Homem – G. Bernard Shaw	17

Agradecemos a colaboração do Curso de Tradução do
Departamento de Letras da PUC-Rio e do jornal
O Globo.

Estas publicações poderão ser pedidas à Secretaria d'O
TABLADO mediante pagamento com cheque, em nome
de Eddy Rezende Nunes – O TABLADO, pagável no Rio
de Janeiro. Em caso de vale postal, o mesmo deverá ser
remetido à agência dos correios do Jardim Botânico-RJ,
sempre em nome de Eddy Cintra de Rezende Nunes.
Números atrasados podem ser adquiridos da mesma for-
ma, pelo preço atual.

Composto e impresso pela
GRÁFICA EDITORA DO LIVRO LTDA.